

**UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE (UNIVALE)
MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO**

VALÉRIA ALVES GOMES

**RELAÇÕES DE PODER NO *E*-TERRITÓRIO DO *FACEBOOK*:
POSICIONAMENTO E ENGAJAMENTO NO GRUPO DE DISCUSSÃO
“ACONTECEU EM GV”, NA CAMPANHA PRESIDENCIAL NO ANO DE 2014.**

GOVERNADOR VALADARES

2020

VALÉRIA ALVES GOMES

**RELAÇÕES DE PODER NO E-TERRITÓRIO DO FACEBOOK:
POSICIONAMENTO E ENGAJAMENTO NO GRUPO DE DISCUSSÃO
“ACONTECEU EM GV”, NA CAMPANHA PRESIDENCIAL NO ANO DE 2014.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Gestão Integrada do Território (GIT) da Universidade Vale do Rio Doce (Univale) como requisito parcial para conclusão da pós-graduação.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Klen Panquestor

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Cristina Omena dos Santos

GOVERNADOR VALADARES

2020

G633r

Gomes, Valéria Alves

Relações de poder no e-território do facebook : posicionamento e engajamento no Grupo de Discussão "Aconteceu em GV", na campanha presidencial no ano de 2014 / Valéria Alves Gomes – Governador Valadares, 2020.

63 p. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Vale do Rio Doce (Univale), Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território (GIT) – 2020

Orientador: Prof. Dr. Evandro Klen Panquestor

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Cristina Omena dos Santos

1. Território. 2. Comunicação. 3. E-território. 4. Facebook. 5. Grupo de Discussão. I Gomes, Valéria Alves II Título

CDD 004.678 815 1



Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território – GIT

ATA DA BANCA EXAMINADORA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

VALÉRIA ALVES GOMES

Matrícula N° 001248

Ao vigésimo dia do mês de fevereiro de dois mil e vinte (20/02/2020), às 16h30 (dezesesseis horas e trinta minutos), na sala 03, bloco PVA, na Universidade Vale do Rio Doce, reuniu-se a Comissão Examinadora da Dissertação de Mestrado intitulada “**Relações de poder no e-território do Facebook: posicionamento e engajamento no Grupo de Discussão "Aconteceu em GV", na Campanha Presidencial do ano de 2014**”, Linha de Pesquisa: Território, Migrações e Cultura, elaborada pela aluna Valéria Alves Gomes. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores: Dr. Evandro Klen Panquestor (orientador) – IFMG / Campus Governador Valadares, Dr.^a. Adriana Cristina Omena dos Santos (coorientadora) – Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Dr.^a. Suely Maria Rodrigues – UNIVALE e a Dr.^a Mirna Tonus – Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Abrindo a sessão, o presidente da Comissão, Prof. Dr. Evandro Klen Panquestor, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulares do Trabalho Final, passou a palavra a mestrande Valéria Alves Gomes para apresentação de sua Dissertação. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestrande e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora consideraram por unanimidade a Dissertação aprovada, devendo acatar as recomendações da banca.

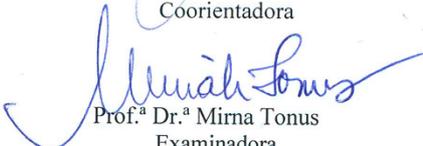
Em seguida, o resultado foi comunicado publicamente a candidata pelo presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou-se a presente Ata, que será assinada por todos os membros da Comissão Examinadora.

Governador Valadares, 20 de fevereiro de 2020.


Prof. Dr. Evandro Klen Panquestor
Orientador


Prof.ª Dr.ª Adriana Cristina Omena dos Santos
Coorientadora


Prof.ª Dr.ª Suely Maria Rodrigues
Examinadora


Prof.ª Dr.ª Mirna Tonus
Examinadora



UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território

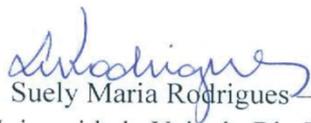
VALÉRIA ALVES GOMES

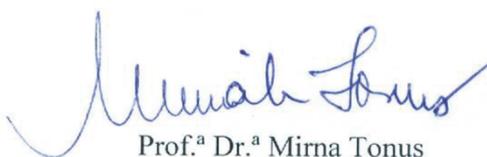
“Relações de poder no e-território do Facebook: posicionamento e engajamento no Grupo de Discussão "Aconteceu em GV", na Campanha Presidencial do ano de 2014”

Dissertação aprovada em 20 de fevereiro de 2020, pela banca examinadora com a seguinte composição:


Prof. Dr. Evandro Klen Panquestor
Orientador – IFMG / Campus Governador Valadares


Prof.ª Dr.ª Adriana Cristina Omena dos Santos
Coorientadora – Universidade Federal de Uberlândia - UFU


Prof.ª Dr.ª Suely Maria Rodrigues – UNIVALE
Examinadora – Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE.


Prof.ª Dr.ª Mirna Tonus
Examinadora – Universidade Federal de Uberlândia - UFU

*A Deus, meu sustento em todas as horas.
Ele que nunca me abandonou e me manteve
firme nos momentos difíceis.*

*À minha mãe, que se sacrificou tanto ao
longo da vida para que eu chegasse até
aqui.*

*À minha filha, o principal motivo para que
eu vencesse e fosse o melhor exemplo que
ela precisa ter para fazer o melhor em sua
própria vida.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fonte de inspiração e força todos os dias, diante de todas as adversidades que tive que enfrentar nessa batalha, que me guia todos os dias, que me permitiu chegar até aqui e me ensinou que acreditar não é fácil, mas é a melhor escolha.

Aos meus pais, que em geral são a nossa inspiração, e no meu caso não foi diferente. À minha mãe, por sua história de vida, e a meu pai, também por suas conquistas, pois, mesmo partindo tão cedo, deixou para mim um ensinamento importante, de que você pode conquistar e que favores não devem ser pedidos sem um forte motivo. Temos que fazer valer o nosso esforço, fazer a nossa parte, e fazer por nós mesmos e não pelos outros. Ouvi isso desde pequena, e desde sempre.

À minha família, aos de perto e aos de longe, especialmente aos de Caratinga – de onde acabei me ausentando muito – pela compreensão, pelo incentivo, e pelo apoio.

Aos meus amigos, especialmente à Metícia Faria e ao Fernando Neto, que me incentivaram muito a voltar e terminar essa missão, que hoje tem sabor de vitória para todos nós.

Ao meu sócio Jackson Lemos, que, mesmo discordando da minha escolha, me apoiou nesta decisão de fazer o Mestrado, e de voltar e terminar, porque sabe do meu amor pela academia.

Aos meus orientadores Dr. Evandro Panquestor e Dra. Adriana Omena. Se não fossem vocês dois eu não teria chegado aqui. Vocês são PROFESSORES com todas as letras maiúsculas, porque amam o que fazem, fazem com primazia, e por isso são os melhores que eu poderia ter. À Profª. Adriana, que estive na minha banca de graduação, e estará comigo para sempre como Mestre, e ao Prof. Evandro, que conheci mais recentemente, mas com quem quero manter relações acadêmicas importantes. Muito obrigada por tudo.

Ao meu coordenador, Prof. Dr. Haruf Salmen. O senhor sabe de toda minha admiração. E, nessa retomada do Mestrado, o senhor foi peça importante para que eu chegasse ao fim do jogo, com um orientador nota 10. E no fim do jogo o senhor se mostrou preocupado em ajudar, sendo um amigo verdadeiro.

A todos os professores que encontrei pelo caminho no GIT, mas especialmente ao Prof. Dr. Rosângelo Miranda, que me devolveu o prazer de ler. Às professoras Dra. Suely Rodrigues e Dra. Marilene Boechat, que me mostraram que eu poderia ser melhor, e à Prof. Dra. Eliana Marcolino, que esteve comigo no início da caminhada.

A todos os meus colegas de Mestrado. Algumas amizades sei que cultivarei para a vida toda, mesmo não estando juntos todos os dias. Ainda tenho uma visita por fazer, na Bahia, a um amigo do peito, Osmundo Nogueira, mas em breve vou cumprir essa promessa.

Às meninas da secretaria do GIT, sempre tão simpáticas e disponíveis a nos ajudar, com uma informação ou o caminho certo para cada etapa.

Ao amigo e advogado Mauro Grimaldo, ora como advogado da FPF, ora como Diretor Executivo. Muito obrigada. À Edina Neris, da Tesouraria. Sua atenção e disponibilidade foram importantes nesse caminho, que por si só já é estressante.

Ao presidente da Fundação Percival Farquhar, mantenedora da Univale, médico Rômulo Cesar Leite Coelho, meu médico, médico da minha família, um amigo que ganhei há alguns anos, quando fui atender à Associação Médica de Governador Valadares. Muito obrigada pelo carinho e atenção que me permitiram estar aqui hoje. Meu sentimento é de gratidão.

E àquele que me permitiu começar tudo isso, lá na graduação, Antônio Rodrigues Coelho Júnior. Sr. Toninho Coelho, minha gratidão ao senhor será eterna, porque acredito que a manutenção desse sentimento me faz um ser humano muito melhor.

GOMES, V. A. **Relações de poder no e-território do Facebook:** posicionamento e engajamento no Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”, na campanha presidencial no ano de 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território). Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, MG, 2019.

RESUMO

O trabalho discute o surgimento de um novo território, que pode ser chamado de e-território no Facebook, e permitiu a análise das relações de poder no Grupo de Discussão “Aconteceu em GV” e do engajamento dos seus membros com os temas discutidos na reta final do primeiro turno da campanha presidencial de 2014. Por meio de uma pesquisa, descritiva, documental e qualitativa, inicialmente foram catalogados 91 posts do grupo no Facebook e, desses, foram analisados 17, que possuíam no mínimo 15 comentários, o que levou a 434 comentários. A pesquisa viabilizou a compreensão de que a Internet, especialmente nas redes sociais, permite aos seus membros ações de desterritorialização e reterritorialização, em aspectos bem diferentes dos que podemos conferir nos territórios físicos, e que nos territórios virtuais, os e-territórios, os atores podem praticar multiterritorialidades, um aspecto facilitado pela ausência da interação face a face, que permitem fortalecer as interações e em nada enfraquecem os engajamentos.

Palavras-chave: Território. Comunicação. E-território. Poder. Facebook, Grupo de Discussão.

GOMES, V. A. **Relações de poder no e-território do Facebook:** posicionamento e engajamento no Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”, na campanha presidencial no ano de 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território). Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, MG, 2019.

ABSTRACT

This work discusses the arising of a new territory which can be called e-territory on Facebook, and has made the analysis of power relations on Grupo de Discussão Aconteceu em GV and of its members' engagement on the themes discussed on the final stretch of the first round of the presidential campaign in 2014 possible. Throughout qualitative, documentary and descriptive research, 91 posts of the group on Facebook were initially cataloged and 17 of them, that 15 comments minimally, were analyzed, which led to 434 comments. The research made the understanding that the Internet, especially social networks, allows its users' deterritorialization and reterritorialization possible in very different aspects than of those we can check on physical territory, and that on virtual territories, the e-territories, the users can practice multiterritorialities, an aspect that is made easy by the absence of face-to-face interaction, and which allows to strengthen the interactions and that do not weaken virtual engagements whatsoever.

Key Words: Territory. Communication. E-territory. Power. Facebook. Discussion Group.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 Meios de comunicação de massa e a constituição de um novo espaço público ...	13
2.2 E-território: a relação entre território, redes e comunicação	24
2.2.1 <i>Território e rede</i>	24
2.2.2 <i>E-território e comunicação</i>	34
3 METODOLOGIA	40
3.1 Tipo de estudo	40
3.2 Procedimentos metodológicos	42
4 MONITORAMENTO DE MÍDIAS EM E-TERRITÓRIOS: ACONTECEU EM GV48	
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Como jornalista e publicitária graduada pela Univale, decidi me dedicar ao Mestrado Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território, na mesma instituição. Nessa linha de raciocínio, resolvemos propor uma pesquisa que resultasse na promoção do conhecimento por meio da interdisciplinaridade entre a Comunicação e o Território, fazendo uma análise de conteúdo das redes sociais¹ como um dos territórios mais facilmente ocupados da modernidade.

Em meu trabalho optei por analisar as “Relações de poder no e-território do Facebook: posicionamento e engajamento no Grupo de Discussão “Aconteceu em GV” na campanha presidencial no ano de 2014”, para dar ênfase ao tema proposto, que foi o posicionamento e o engajamento no primeiro turno das eleições presidenciais no Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”, e assim foi delimitado o tema, considerando a internet o território em questão.

Já é fato conhecido que a Internet surgiu como instrumento de estratégia de guerra em plena Guerra Fria, em 1969 (CASTELLS, 2009, p. 82), mas só começou a se popularizar no Brasil no ano 2000, quando também começaram a ganhar notoriedade as redes sociais. O Facebook hoje, com apenas 12 anos, só está no Brasil há cinco anos. Mesmo assim, desde 2008, as redes sociais já foram utilizadas timidamente nas campanhas eleitorais, após o sucesso estrondoso alcançado pela equipe de Barack Obama, nas eleições presidenciais nos Estados Unidos em anos anteriores.

No Brasil, as redes sociais na Internet só começaram a ser utilizadas profissionalmente nas eleições presidenciais de 2010, de acordo com a publicação da revista Exame de novembro de 2011, mas os efeitos começaram a ser sentidos realmente em 2012, nas eleições municipais, e em 2014, nas eleições presidenciais.

Em 2014, o Facebook já era a rede social preferida dos brasileiros, e 96% usavam a Internet todos os dias (G1, 2014). Nesse ano a campanha foi intensificada na Internet, ocupando sites, portais de notícias, Facebook, Twitter, Instagram e Google +. Desde 2010, com esse estágio de evolução das redes sociais na Internet, ganharam força e visibilidade os grupos de discussão, uma ferramenta disponibilizada para qualquer pessoa que tenha um perfil no

¹ Para Raquel Recuero (2009), rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições, ou grupos, os nós das redes) e suas conexões (interações ou laços sociais). (RECUERO, 2009, p. 24).

Facebook.

Os grupos do Facebook são ferramentas que permitem manter mais restritas as opiniões expressadas, dando-lhes menos publicidade, o que faz deles um caminho oportuno àqueles que querem discutir assuntos que possam alcançar maior popularidade junto aos que participam do Grupo, do que se fossem postados em seus perfis pessoais, já que, embora mais restritos, são compostos de gente disposta a discutir o tema, pois tem interesse direto nos assuntos postados.

O objetivo geral da pesquisa foi identificar o posicionamento preponderante e o engajamento no Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”, durante o período das eleições presidenciais de 2014 no Brasil.

Acredita-se que os membros do grupo buscam na própria rede informações e subsídios para embasar seus comentários, construindo uma opinião dentro do grupo e estimulando assim a discussão a partir destes comentários, já que não podem postar.

O tema surge como proposta a partir da vivência cotidiana com postagens do Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”, haja vista o compartilhamento geográfico de interesse dos membros, no caso a cidade de Governador Valadares.

Em tal contexto, e com o advento do Facebook, um novo território se criou, o e-território, e com isso novas ferramentas foram sendo desenvolvidas, para permitir que os novos formatos comunicacionais se estabelecessem e que os sujeitos se organizassem em redes de comunicação por afinidades, ou pela oportunidade de tornar públicas suas opiniões em campos divergentes, num diálogo que lhes permite influenciar e ser influenciado.

A pesquisa se coloca como uma oportunidade de entender como se estabelece a territorialização, desterritorialização e a reterritorialização do sujeito nas redes sociais, se elas surgem a partir de processos de troca de informação, de ação direta com a publicação imediata de suas opiniões, de promoção de um discurso de ódio ou, ainda, pela mediação da discussão.

Para entender esse processo que leva o sujeito ao pertencimento ou não daquele espaço onde está inserido, é preciso analisar o conteúdo dos comentários, para qualificar e quantificar a participação dos membros e do conteúdo postado.

Nessa condição de participante inicial em Grupo de Discussão no Facebook, e com o avanço da participação, a proposta é entender como ele se torna um comentarista constante, e o

que motiva as discussões. Será necessário, também, medir como o sujeito ganha espaço, e a sua popularidade. Nesse contexto será possível entender se o que se pratica é a constituição da territorialidade de relações motivadas apenas pelo tema, uma vez que essas relações parecem não avançar para além das redes, e menos ainda além dos grupos, ou se são motivadas pelo simples fato de poder opinar.

Com essa nova experiência de comunicação coletiva, o ciberespaço, por meio de uma análise dos posts é possível identificar em que perspectiva se dá os pontos de vista daqueles que participam Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”.

É relevante entender como se formam as redes sociais na Internet, para o compartilhamento da informação e do conhecimento, e assim apresentar como cada um se estabelece na rede, especialmente no Facebook, que começa pelo simples ato de criar um perfil, e depois avança para os posts pessoais diários, para os posts opinativos, para os comentários nos posts opinativos dos amigos virtuais, e daí para a participação em comunidades, como são chamados os grupos de discussões temáticos do Facebook, que em sua maioria são fechados e exigem real interesse, porque é preciso ser aprovado para ser membro e participar, podendo inclusive ser excluído a qualquer momento pelo mediador do grupo, que em geral é o fundador ou um deles.

A pesquisa finalizada nos permite entender a importância da interação e a intensidade dessas relações, promovidas pelas redes sociais na Internet, por meio da análise de conteúdo dos comentários e da avaliação numérica de participação dos membros do Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”.

As discussões políticas no primeiro turno das eleições presidenciais no Grupo de Discussão “Aconteceu em GV” apresentam em alguns momentos ricas expressões de pontos de vista e, em outros, algumas posturas que levam a um discurso de ódio e, ao mesmo tempo, de incentivo à discriminação de minorias e desvalorização da participação feminina na política, o que já se vê nos levantamentos iniciais da pesquisa com os primeiros dados elucidados, que explicitam uma pequena participação de mulheres opinando.

É uma oportunidade de compreender novos fenômenos, e de iniciar uma linha de incentivo à análise desse território simbólico que é o Facebook, dentro do programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território, que busca não apenas a interdisciplinaridade como também a atualidade do tema, para estar na vanguarda dos estudos territoriais e, quem sabe,

num futuro próximo, iniciando, a partir desta e de outras pesquisas já realizadas nesta linha, um núcleo de estudos específicos sobre os estudos nos territórios digitais.

Restava, então, para dar valor científico a esse conhecimento alcançado com uma pesquisa social, definir um método que permitisse a verificabilidade dos dados, considerando que eles não estão engessados, porque não há um modelo para todas as pesquisas, mas a diversidade científica possibilita a existência concomitante de vários métodos.

Para este trabalho foram adotadas bases lógicas de investigação, que, segundo Gil (2008, p.9), permitem observações a partir de caminho indutivo e até fenomenológico, para os quais o conhecimento está fundamentado na experiência, sem princípios pré-estabelecidos, observando fatos e fenômenos, o que nos leva a conclusões prováveis. Assim, observando, é possível sair da especulação e passar a produzir conhecimento científico de fato.

Assim, com tal proposta, a dissertação está dividida em cinco capítulos em que no segundo são apresentados os conceitos que fundamentam o estudo, seguidos da metodologia apresentada no capítulo três, das análises presentes no capítulo quatro e das considerações finais presentes no capítulo cinco.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Meios de comunicação de massa e a constituição de um novo espaço público

Para analisar a Internet como um espaço de propagação de opinião do sujeito e de como ela pode ser utilizada, é importante discutir antes a própria concepção de comunicação de massa e a constituição de uma nova dimensão do espaço público – o espaço público midiático. No seu livro “A mídia e a modernidade”, Thompson (2014, p.19) parte da premissa de que a comunicação é um dos aspectos principais da vida social, na contemporaneidade. O autor começa por explicar como se davam as relações sociais no século XV, quando o espaço que cada um ocupava era determinado por aquilo que se tinha, pelas hierarquias sociais e, portanto, pelo princípio de autoridade.

Com o avanço do desenvolvimento da tecnologia e dos meios de comunicação de massa, as relações sociais foram alteradas. Segundo Thompson (2014, p.36), a ideia de que só era possível se comunicar face a face cai por terra, e é criada uma disjunção entre o espaço e o tempo, o que significa uma transformação, pois é possível saber o que está acontecendo na Espanha, na mesma hora em que um sequestro importante está acontecendo no Brasil. Isso é o que ele chama de simultaneidade e que hoje chamamos de globalização de negócios/informação e mundialização da cultura, uma vez que antes que isso acontecesse as pessoas só podiam saber como era o Japão através de fotos, ou de uma interação frente a frente.

Ao analisar as transformações provocadas pelo surgimento dos meios de comunicação de massa, Thompson (2014, p.26) discute, no primeiro capítulo do seu livro, como isso alterou as formas de poder na sociedade, principalmente com a emergência do poder simbólico, ou seja, o poder exercido através da mídia. O autor analisa as quatro formas que o ser humano tem de exercer o poder. Ele aborda detalhadamente as formas de poder econômico, político, coercitivo (especialmente o militar) e o poder simbólico, que se assemelha ao que acontece na Internet, mais especificamente nas redes sociais nos dias de hoje. Por meio do poder simbólico, quem o possui pode realizar ações passando a intervir nos acontecimentos, próprios e alheios, e proporcionando assim as consequências mais diversas. Esse poder, exercido hoje pelos meios de comunicação da Internet, já foi, em outros momentos, exercido pela igreja, que acumulou conhecimentos guardando para si o “direito” de decidir o futuro do mundo, ou mesmo pelos meios de comunicação tradicional, rádio/televisão/jornal, que por muitas vezes definiram e, por

que não dizer, ainda definem o futuro de muitas pessoas e grupos.

Os meios de comunicação, tratados como produtores de bens simbólicos, usam técnicas que permitem “manipular” o receptor de forma mais segura e constante. Para o exercício do poder simbólico, a comunicação, que tem uma faceta mercadológica importante, utiliza-se da capacidade de fixação que possui, com a repetição, com as imagens, com a escrita, e ainda utiliza-se da reprodução como forma não só de permitir que todos tenham acesso, mas também como meio de comercialização, como explica Thompson (2014, p. 34), o que podemos trazer para os dias de hoje com a Internet, porque certamente ele se referiria a essa nova mídia, se ela já fosse o sucesso dos dias de hoje, quando escrevia o seu livro referência, porque suas ideias traduzem exatamente as experiências vividas nas redes sociais.

Outro aspecto utilizado pelos meios técnicos é o distanciamento espaço-temporal, que varia de acordo com o meio de comunicação que é utilizado, o que permite que o receptor esteja sempre distante o suficiente do produtor, para que a produção possa ser inserida em qualquer contexto social, uma vez que este é o principal ponto da comunicação, ou seja, a capacidade de entrar em qualquer contexto, seja de um palácio, de uma empresa ou mesmo de um casebre. Esse afastamento está diretamente ligado ao fato de que, mesmo distante, a comunicação pode intervir em qualquer acontecimento, esteja ele ao lado, ou em outro continente. Supõe-se que o receptor conheça os meios técnicos utilizados, para entender e se apropriar da mensagem recebida. Esse conceito traduz exatamente como os sujeitos, identificados ou não, atuam nos grupos de discussão que movimentaram a Internet nas eleições de 2014, e que de forma geral traduzem o comportamento nas redes sociais.

A suplementação da fala por meios técnicos de vários tipos estende-lhe a disponibilidade no espaço e no tempo; amplificando-a, um alto-falante a torna disponível a indivíduos que se encontram além do alcance de uma conversação ordinária: a fala adquire uma disponibilidade maior no espaço, embora sua duração temporal permaneça limitada ao momento de sua emissão. Ao alterar as condições espaço-temporais da comunicação, o uso dos meios técnicos também altera as condições de espaço e de tempo em que os indivíduos exercem o poder. Isso nos leva a refletir sobre a possibilidade de medir o poder da intervenção do sujeito na Internet, por meio das redes sociais que alcançam outros sujeitos de várias partes do mundo, e que tipo de ações e reações isso provoca nesse sujeito.

Finalmente, o autor considera os tipos de habilidades, competências e formas de

conhecimentos exigidas pelo uso dos meios técnicos, o que pressupõe o processo de codificação, isto é, implica o uso de um conjunto de regras e procedimentos de codificação e decodificação da informação, ou do conteúdo simbólico. Os sujeitos que empregam o meio devem conhecer, até certo ponto, as regras e os procedimentos. O domínio dessas regras e procedimentos não exige necessariamente a capacidade de formulá-los de modo claro e explícito, mas apenas a habilidade de usá-los na prática, saber como continuar, quando parar, e que consequências isso pode gerar. Raramente somos convidados a formular essas regras explicitamente, mas somos obrigados a usá-las praticamente todas as vezes que empregamos um meio técnico de comunicação.

De acordo com Thompson (2014, p. 35), a maioria dos indivíduos que assistem à televisão, por exemplo, é capaz de entender perfeitamente o programa, embora conheça muito pouco sobre a produção do programa. Quando indivíduos codificam ou decodificam mensagens eles empregam, não somente as habilidades e competências requeridas pelo meio técnico, mas também várias formas de conhecimento e suposições, que fazem parte dos recursos culturais que eles trazem para apoiar o processo de intercâmbio simbólico. O termo “massa” sugere que os destinatários dos produtos da mídia se compõem de um vasto mar de passivos e indiferenciados indivíduos.

Segundo Thompson (2014, p.35), devemos abandonar a ideia de que os destinatários dos produtos da mídia são espectadores passivos, cujos sentidos foram permanentemente embotados pela contínua recepção de mensagens similares. Devemos também descartar a suposição de que a recepção em si mesma seja um processo sem problemas, acrítico, e que os produtos são absorvidos pelos indivíduos como uma esponja absorve água. Suposições desse tipo têm muito pouco a ver com o verdadeiro caráter das atividades de recepção e com as maneiras complexas pelas quais os produtos da mídia são recebidos pelos indivíduos, interpretados por eles e incorporados em suas vidas.

Conforme explica o autor, as mensagens são produzidas por um grupo de indivíduos e transmitidas para outros, situados em circunstâncias espaciais e temporais muito diferentes das encontradas no contexto original de produção. Os receptores têm alguma capacidade de intervir e contribuir com eventos e conteúdos durante o processo comunicativo. Com a Internet, essa capacidade se amplia, primeiro porque eliminamos os limites territoriais, descritos em escala maior ou menor pelos mapas (RAFFESTIN, 1993, p.177).

Essa característica da comunicação de massa tem implicações importantes no processo de produção e recepção. No lado da produção, ela significa que as pessoas envolvidas na produção e transmissão das mensagens são geralmente privadas das formas diretas e contínuas do feedback. Características da interação face a face. Do lado da recepção, a dissociação estrutural significa que os receptores das mensagens mediadas ficam à vontade.

Os produtos da mídia são disponíveis, em princípio, à pluralidade de destinatários. Nesse aspecto, a comunicação de massa se diferencia de outras formas de comunicação – como as conversas telefônicas, as teleconferências, ou as produções particulares de vídeo – que empregam os mesmos meios técnicos de fixação e transmissão, mas que são dirigidas para um indivíduo ou para um grupo bem restrito de receptores.

Antes do desenvolvimento das indústrias da mídia, a compreensão que muitas pessoas tinham de lugares distantes era modelada, basicamente, pelo intercâmbio de conteúdo simbólico das interações face a face. À medida que se recua no passado, fica cada vez mais evidente que os indivíduos tenham chegado ao sentido dos acontecimentos através de experiências pessoais, ou de relatos de testemunhas transmitidos em interações face a face. A tradição oral e a interação face a face continuam a desempenhar um papel importante na elaboração de nossa compreensão do passado, mas elas operam cada vez mais em conjunto com um processo de compreensão que se serve cada vez mais dos conteúdos simbólicos presentes nos produtos das indústrias da mídia.

Os horizontes espaciais da compreensão humana se dilatam grandemente, uma vez que eles não precisam estar presentes fisicamente aos lugares onde os fenômenos observados ocorrem. Tão profunda é à medida que a nossa compreensão do mundo foi modelada pelos produtos da mídia hoje que, quando viajamos pelo mundo para lugares mais distantes, como visitante ou turista, nossa experiência vivida é muitas vezes precedida por um conjunto de imagens e expectativas adquiridas através de nossa exposição aos produtos da mídia. Mesmo aqueles casos em que a nossa experiência de lugares distantes não coincide com nossas expectativas, o sentimento de novidade ou surpresa muitas vezes confirma o fato de que nossa experiência vivida foi precedida por uma série de ideias preconcebidas e derivadas, pelo menos em parte, das palavras e imagens transmitidas pela mídia. E é assim, e a partir desses pensamentos pré-concebidos, que os sujeitos atuam nas redes sociais.

Thompson (2014, p.38) explica que, ao alterar a compreensão do lugar e do passado, o desenvolvimento dos meios de comunicação modificou o sentido de pertencimento dos

indivíduos, isto é, a compreensão dos grupos e das comunidades a que eles sentem pertencer. Mas à medida que a nossa compreensão do passado se torna cada vez mais dependente da mediação das formas simbólicas, e a nossa compreensão do mundo e do lugar que ocupamos nele vai se alimentando dos produtos da mídia, do mesmo modo a nossa compreensão dos grupos e da comunidade com que partilhamos um caminho comum através do tempo e do espaço, uma origem e um destino comum também vão sendo alterados: sentimo-nos pertencentes a grupos e comunidades que se constituem em parte através da mídia, em função do que acontece na internet com as redes e nas redes sociais.

O tempo das viagens é constantemente reduzido e, com o desenvolvimento das telecomunicações, a velocidade da comunicação se torna virtualmente instantânea. Mas à medida que as deficiências dessa estratégia se tornam mais claras, dia após dia, e o futuro repetidamente confunde nossos planos e expectativas, a ideia de progresso começa a perder força entre nós.

Thompson (2014, p.41) critica ainda em seu livro os métodos que durante um bom tempo foram utilizados nas ciências sociais, para avaliar o público. Segundo ele, vários métodos de pesquisa têm sido empregados para apurar fatores tais como tamanho e a composição do público, os graus de atenção e de compreensão revelados pelos receptores, os “efeitos” a curto ou em longo prazo de exposição às mensagens da mídia, as “necessidades” sociais e psicológicas satisfeitas pelos produtos de consumo na mídia, e assim por diante. Essas pesquisas têm produzido um material importante e interessante. Mas há certas deficiências em muitas dessas pesquisas mais antigas.

Segundo o autor, ao procurar medir e quantificar o público e suas respostas, elas tendem a negligenciar o que poderíamos descrever como caráter mundano da atividade receptiva. O autor entende o fato de que a recepção dos produtos da mídia é uma rotina, uma atividade prática, que muitos indivíduos já integram como parte de suas vidas cotidianas. Para o autor, os novos estudos deixaram de lado decisivamente a ideia de que os receptores dos produtos da mídia são consumidores passivos; eles mostraram mais de uma vez que a recepção dos produtos da mídia é um processo mais ativo e criativo do que o mito do assistente passivo sugere. Na internet, essa medição nos permite avaliar os dois lados da moeda e nos leva a avaliações cada vez mais próximas dos sujeitos que atuam nas redes sociais e que se empoderam nelas, por meio das curtidas que recebem e dos comentários que estimulam.

No livro *a Mídia e a Modernidade*, Thompson apresenta três tipos de interação: a face a face, interação quase mediada, e a interação mediada, que é a que permite relacionar a internet, porque se trata de uma interação on-line mediada, que nos permite entender esse caráter transformador que o sociólogo nos apresenta.

Thompson (2014) desenvolve uma teoria em que trabalha com a interação face a face, a interação mediada e a quase mediada, o que acontece em praticamente em todos os territórios e que, por isso, são a base desse trabalho. Mais, recentemente, em artigo publicado em 2018, ele aborda a interação mediada online. Nessa ampliação da teoria, a que ele promete dar ainda mais capilaridade em um próximo livro, ele discorre sobre a forma de extensão das relações sociais, através do espaço e do tempo. Para o autor,

Como outras formas de interação mediada, esta envolve a extensão das relações sociais através do espaço e do tempo e certo estreitamento no leque de pistas simbólicas. Mas difere dos outros dois tipos de interação mediada em dois aspectos-chave: diferentemente da quase-interação mediada, é de caráter dialógico; e, ao contrário da interação mediada (por exemplo, conversas telefônicas), é orientada para uma multiplicidade de outros destinatários – é de muitos para muitos, e não de um para um (THOMPSON, 2018, p. 20).

Sustentando, assim, que os sites de redes sociais são os cenários ideais para que os sujeitos mantenham relações sociais com pessoas mais distantes, como escreve Thompson (2018, p. 21), quando nos leva a analisar essa possibilidade que o e-território oferece de relações que nunca aconteceram face a face, ou como ele mesmo prefere afirmar:

[...] facilitam uma forma distinta de interação social on-line, criando uma rede em constante expansão de relacionamentos sociais caracterizada por graus variados de familiaridade, fragilidade e pela troca de conteúdo simbólico em múltiplos formatos e modalidades[...] (THOMPSON, 2018, p. 21).

O autor enfatiza que a atividade de recepção se realiza dentro de contextos estruturados que dependem do poder, e dos recursos disponíveis aos receptores em potencial. Não se pode normalmente receber transmissões televisivas, por exemplo, sem os equipamentos necessários; os padrões de assistência à TV são comumente regulados de tal maneira que reflitam as relações de poder entre os membros da unidade doméstica. Isso se mostra na realidade da internet nos dias de hoje, já que para participar das redes sociais o sujeito precisa ter um computador, um tablet ou um smartphone, o que populariza cada vez mais a mídia, com preços cada vez mais baixos, em função da globalização da economia, mas, ao mesmo tempo, exige certo poder financeiro, e já começa aí a discussão em torno do poder do sujeito, por ter acesso a essas

ferramentas que, em muitas classes sociais parecia, até pouco tempo, algo distante.

Ao receber matérias que envolvem um substancial grau de distanciamento espacial, os indivíduos podem se elevar acima de seus contextos de vida e, por um momento, perder-se em outro mundo. Os indivíduos antes liam jornais como passatempo, enquanto se deslocavam para o trabalho, e podiam ligar a televisão para quebrar a monotonia de preparar um jantar, ou para serenar as crianças; ler um livro para relaxar e escapar temporariamente das preocupações da vida ordinária, mas, na atualidade, o caminho mais curto para se informar, socializar e até relaxar, além de entreter, são as redes sociais.

Outra característica apontada pelo autor é o fato de que a recepção dos produtos da mídia é uma realização especializada. Ela depende de habilidades e competências adquiridas, que os indivíduos mostram no processo de recepção. Os indivíduos que recebem os produtos da mídia são geralmente envolvidos num processo de interpretação, através do qual esses produtos adquirem sentidos. Adquirir é simplesmente tomar posse de como se adquire outros objetos de consumo: carros, roupas, etc... Mas a recepção de um produto da mídia implica mais do que isto: implica certo grau de atenção e de atividade interpretativa da parte do receptor. O indivíduo que recebe um produto da mídia deve, até certo ponto, prestar atenção (ler, olhar, escutar, etc.).

A elaboração discursiva das mensagens é outro ponto destacado por Thompson (2014, p.45). De acordo com ele, as mensagens da mídia são comumente discutidas por indivíduos durante a sua recepção e, depois, elas são, portanto, elaboradas discursivamente e compartilhadas com o círculo mais amplo de indivíduos, que podem ter participação (ou não) do processo inicial de recepção. Dessa e de outras maneiras, as mensagens podem ser retransmitidas para outros contextos de recepção e transformadas, através de um processo contínuo de recepção, interpretação, comentário, risco e crítica. Esse processo pode acontecer numa variedade de circunstâncias – em casa, ao telefone, no lugar de trabalho – e pode envolver uma pluralidade de participantes. Pode fornecer estruturas narrativas dentro das quais os indivíduos relatam seus pensamentos, sentimentos e experiências, tecendo aspectos de suas vidas com as mensagens da mídia e com suas respostas às mensagens relatadas.

Thompson (2014, p.46) destaca que o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais — formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história. Ele faz surgir uma complexa reorganização de padrões de interação humana através do espaço e do

tempo. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, os indivíduos passam a poder se relacionar uns com os outros, ainda que não partilhem do mesmo espaço-temporal.

O uso dos meios de comunicação proporciona também novas formas de “ação à distância”, que permitem que indivíduos dirijam suas ações para outros, dispersos no espaço e no tempo, e também respondam a ações e acontecimentos ocorridos em ambientes distantes.

Com essa necessidade, é criado um novo espaço público, no qual o poder de comunicação e visão de cada um vai além da própria casa e dos amigos próximos e faz com que outros campos sociais, como a política, religião e economia, passem a recorrer à comunicação, em seus diversos meios técnicos, para alcançar o poder, seja ele qual for.

Thompson, na evolução na teoria, em artigo mais recente (2018), afirma ainda que nessa interação mediada online, o sujeito precisa e deve fazer distinções se isso apresenta características importantes, como a constituição do espaço temporal, que nos leva à teoria de Rangel e Tonella sobre o e-território ou território-rede, a variedade de pistas simbólicas nesta relação, o que também nos faz encontrar relação com a teoria de Recuero (2009, p.137), sobre o grau de interatividade, que é exatamente um dos principais pontos de análise desta pesquisa no Grupo de Discussão Aconteceu em GV, e a orientação para a ação, que também modela um dos pontos da discussão com relação da interatividade.

Esse convívio diário das pessoas com a comunicação, cada vez de forma mais intensa, faz com que ela seja utilizada para legitimar discursos, fatos e ações, tornando-a o mais recente instrumento de mobilização e busca do consenso. Assim é possível inclusive buscar modelos de vida diferentes, em outros continentes que estão diretamente ligados pela modernização dos meios de comunicação, ou seja, a chamada globalização da economia e mundialização da cultura.

Segundo Jenkins (2008, p. 30), trata-se da cultura de convergência. Nas palavras do autor: “Bem-vindo à cultura de convergência, onde as velhas e novas mídias colidem... onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis”. Essas novas formas de comunicação consideram que, mesmo em silêncio, o receptor deve ser considerado parceiro no processo comunicacional e, mesmo não fazendo parte como um parceiro concreto, ele é considerado parte importante no processo de comunicação. Isso para o autor causa uma confusão na hora de definir o que é informação e comunicação, uma vez que a comunicação envolve a experiência comunicacional, o que não é levado em conta quando se

passa uma informação. Sendo assim, Jenkins (2008, p.30) lembra que não há agente passivo nesse processo comunicacional, porque se trata de “uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídias dispersos”.

Para o autor, a comunicação, como uma estratégia da vida moderna, consegue sobreviver à homogeneidade, que está centrada no que o ser humano pretende exatamente ao se comunicar, e quando buscam alternativas de comunicação e territórios para ocupar eles podem “chegar perto demais da realidade” (JENKINS, 2008, p.30). Mesmo diante destes fatos, o que está mais próximo resiste, como as questões regionais, nacionais e fundamentais. Trata-se de convergir, e não de eliminar.

Sendo assim, não deveria essa informação planetária colaborar para a formação da “aldeia global”, expõe o autor, mesmo sabendo que nem de longe isso pode ser questionado, uma vez que mesmo o que acontece a quilômetros de distância tem a mesma intensidade do que acontece ao lado, quando se torna parte da comunicação interpessoal, mesmo que inconscientemente. A internet é o que previram McLuhan e Fiore (1971) com esse conceito, pois já pensava nessa redução do planeta a uma aldeia com o avanço tecnológico, já que a distância fica diminuída, ou já não existe com isso.

Importante aqui é discutir a questão da esfera da informação no mundo digital e o poder que alcança quem a domina, uma realidade que pode ser teoricamente medida pelo cálculo de probabilidade: quanto menor for a probabilidade de um acontecimento maior será o seu valor informativo. Essa prova é a importância informativa dada, em pleno século XXI, quando parecia pouco provável que o terror chegasse e amedrontasse os EUA, por exemplo, e partir daí amedrontasse o mundo. Tão pouco provável de acontecer, tão distante da realidade que o povo acreditava ser verdade, que acaba virando cena de filme na cabeça das pessoas incrédulas, como ocorreu quando o homem pisou na lua.

A informação está mais do que relacionada à natureza relativamente inexplicada, e em alguns momentos pode ser colocado em questão o fato de que, para ele, as regras que regem a informação independem da razão humana – o que vários fenômenos provocados pela mídia e transformados em informação mostram o contrário. A transmissão da mensagem é unilateral e irreversível, uma vez que apenas o emissor tem conhecimento da mensagem que é transmitida a um ou mais receptores, que até então a ignoravam.

Isso nos leva a refletir sobre a afirmação de Jenkins (2008, p. 31), de que a “convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros”.

A comunicação é um processo que ocorre entre as pessoas dotadas de razão e sede de liberdade, pelo simples fato de pertencerem a um mesmo território, ainda que apenas cultural. Os processos culturais são uma forma de colocar em jogo as preferências dos interlocutores. Mesmo que emissor e receptor tenham opiniões diferenciadas sobre um mesmo assunto, o receptor pode acabar por aceitar a “imposição” do emissor nesse processo, que nem pode ser chamado de comunicação.

Ao mesmo tempo vimos que a informação é unilateral e irreversível, mas a comunicação, ao contrário, é bilateral e reversível, uma vez que, ao mesmo tempo em que se é receptor da mensagem, torna-se emissor dessa mesma mensagem. Para explicar esse fato, o autor recorre à necessidade que o mundo tem de sociabilizar, e por isso se sobrepõe às relações naturais que naturalmente estabelecemos com o meio ambiente. Entre a informação e as comunicações estabelecem-se, então, complexas relações.

Para explicar essas complexas relações, Jenkins (2008, p. 32) enfatiza o fato de estarmos vivendo em contato, permanente e instantâneo, com vários mundos, trata-se de uma mudança de paradigma. Um espaço físico que vai além dos nossos horizontes, mas com que passamos a ter contato através dos mais sofisticados e dirigidos meios de comunicação de massa. Este é o século da informação, assim como o século XIX foi o da industrialização. Para o autor, perceber a atualidade é uma realidade cada vez mais ineficaz se considerarmos o ritmo dos processos de comunicação, uma vez que o excesso de informação sempre nos dá a impressão de estarmos desinformados. Esse sentimento que temos da perda da informação é feito daquilo que o autor chama de dimensão planetária – um excesso de informação que, nos anos 50, foi profetizado por McLuhan e Fiore (1971) como aldeia global. Para o autor, o que estamos assistindo é a instauração de uma experiência planetária midiática que, não necessariamente, sobrepõe-se à experiência cultural completa.

Jenkins (2008, p. 33) não é um pessimista, portanto, não acredita plenamente que a tal experiência cultural concreta seja um balde de água fria para revolução digital. “A convergência ressurgiu como um importante ponto de referência”, por isso, precisamos distinguir com cuidado

a informação da comunicação, até porque o global e o local continuam mantendo sua importância.

Jenkins (2008, p. 41) explica isso nos lembrando que tudo pode mudar, mas que ainda assim, quando falamos em comunicação, ela ainda vai atender as necessidades básicas dos atores que a utilizam, é a convergência.

O conteúdo de um meio pode mudar (como ocorreu quando a televisão substituiu o rádio como meio de contar histórias, deixando o rádio livre para se tornar a principal vitrine do rock and roll), seu público pode mudar (como ocorre quando as histórias em quadrinhos saem de voga, nos anos 1950, para entrar num nicho, hoje) e seu status social pode subir ou cair (como ocorre quando o teatro se desloca de um formato popular para um formato de elite), mas uma vez que um meio se estabelece, ao satisfazer alguma demanda humana essencial, ele continua a funcionar dentro de um sistema maior de opções de comunicação (JENKINS, 2008, p. 41).

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (2012, p. 1) nos fala que as fronteiras geográficas, culturais, sociais e políticas que até hoje definiam os espaços de influência da ordem informativa parecem ruir, com a permeabilidade da informação. Os satélites de telecomunicações fazem hoje mais pela queda das muralhas ideológicas do que os mísseis e os arsenais nucleares. A permeabilidade das fronteiras dos Estados, às redes de informação, tende a tornar obsoleta a ostentação e o uso da força militar. Sem precisar sair do nosso quarto, ou da nossa sala de estar, os sistemas de informação põem o mundo inteiro ao nosso alcance.

Por que Geografias? Porque a realidade é multifacetada, online, sem fronteiras e intercultural – plural. Porque o acesso permanente ao canal aberto da Internet flui paralelo ao cotidiano da vida de um número crescente de pessoas. Essas pessoas se movimentam em territórios diversos e, junto com elas, a mídia portátil está em todos os lugares constituindo e intermediando fluxos: de informação, de conhecimento, de intercâmbios (SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 2012, p. 1).

Por outro lado, para o autor, toda essa tecnologia à nossa disposição de nada serve para anular as diferenças que alimentam a interpretação da ordem comunicacional – parece, pelo contrário, exacerbá-la cada vez mais. Sendo assim continuamos por interpretar e perceber a realidade do ponto de vista da nossa própria cultura e de experiências espontâneas.

Mais uma vez o autor volta a afirmar que a informação e a comunicação se entrelaçam. A informação está ligada à transmissão e também está relacionada ao campo midiático, que possui regras próprias de funcionamento, como, por exemplo, quando a política se adapta à

lógica da mídia. Já a comunicação está relacionada fundamentalmente com a experiência particular, singular e coletiva dos interlocutores. Considerando essas diferenças, o autor conclui:

[...] precisamos distinguir essas duas dimensões da experiência se quisermos compreender a relação aparentemente antagônica entre a mundialização da informação e a singularidade da comunicação. Quanto mais globalizado fica o fluxo de informação, mais as particularidades culturais aparecem e, portanto ocorre o confronto e o conflito de interpretações, uma prática diária nas redes sociais fomentadas pelo alcance da Internet (RODRIGUES, 1999, p. 20).

Esse papel primordial dos meios de comunicação como mediadores da vida social é importante, para entendermos como a mídia consegue dar visibilidade a fatos, mobilizar as pessoas e, de certa forma, até influenciar a opinião pública. É uma discussão que será retomada na análise dos comentários dos participantes do Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”, que se multiplicam e empoderam sujeitos de diferentes classes e níveis sociais, como nos mostra o público que circula hoje na internet, por meio do que eles consideram ser um “sucesso”, e isso parece estar “apoiado” pelo número de likes e de comentários que sucedem o post ou o comentário.

2.2 E-território: a relação entre território, redes e comunicação

2.2.1 Território e rede

O território em uma perspectiva idealista e simbólica é definido por Haesbaert (2007) como uma visão integradora do espaço social, aquela que está diretamente ligada às relações sociais, que se tornam relações de poder e vão além da estabilidade, uma verdadeira referência para construção de identidades. Segundo o autor, “o sentido relacional do território é a percepção de que não significa simplesmente enraizamento, estabilidade, limite ou fronteira. Justamente por ser relacional, o território inclui também o movimento, a fluidez, as conexões” (HAESBAERT, 2007, p.55).

A partir desse conceito, vamos trabalhar as possibilidades que a contemporaneidade nos apresenta quanto às relações territoriais entre os atores sociais e o espaço de poder, denominadas de territorialidade, desterritorialização, reterritorialização e rede. Para entender melhor esse conceito precisamos estudar suas características de ordem cultural, que nos levam a entender a identificação de cada sujeito com o seu território – as territorialidades – e lhe permitem dominá-lo, já que um local pode ser território num momento, e em outro não. Neste sentido, tem-se que a “territorialidade além da acepção genérica ou sentido lato, onde é vista como a simples

‘qualidade de ser território’, é muitas vezes concebida em sentido estrito como a dimensão simbólica do território” (HAESBAERT, 2004).

Seguindo essa linha de raciocínio, temos que nos ater ao fato de que nossa pesquisa nos leva a ações inconscientes de desterritorialização e reterritorialização, muito comuns nas redes sociais. A desterritorialização pode ser tratada em várias perspectivas, e nesse trabalho, vamos seguir a proposta conceitual de Haesbaert (2007), que reforça a visão de uma perda crescente da importância dos contextos geográficos que estão sendo substituídos pelo ciberespaço:

Desterritorialização como fruto da crescente homogeneização cultural do planeta. O território é valorizado em sua dimensão cultural, identitária, vinculado à diferenciação e à diversidade cultural. Ao sobrevalorizar uma pretensa homogeneização efetivada pela globalização, esquece-se a natureza contraditória deste movimento, seu caráter dialógico, na medida em que reúne num mesmo conjunto globalização e fragmentação, homogeneização e heterogeneização, condições culturais mundiais e locais (os processos de globalização) (HAESBAERT, 2007, p.60).

O autor ainda afirma que a “desterritorialização, portanto, antes de significar desmaterialização, dissolução das distâncias, deslocalização de firmas ou debilitação dos controles fronteirços, é um processo de exclusão social, ou melhor, de exclusão socioespacial” (HAESBAERT, 2007, p.67).

Esse conceito e o de território, considerando os fluxos e as mobilidades, nos levam ao conceito de reterritorialização, que nos apresentam a possibilidade infinita, sem a influência direta da posição econômica, que o sujeito tem, de se desterritorializar e reterritorializar, pela mobilidade inerente a esse novo território a que nos referimos, o e-território ou território-rede:

Uma reterritorialização que inclui o movimento constante dentro das redes globais aglutinadoras desses espaços na nítida conformação de territórios em rede. Mesmo se desconsiderarmos o fato de esta reterritorialização se fazer em torno de territórios-rede próprios, reunindo “lugares” bastante específicos, o simples fato de a maioria dessas pessoas desenvolver uma aguda percepção da globalidade em formação faz do próprio globo de alguma forma – ou pelo menos de alguns “circuitos” no seu entorno – seu novo território (HAESBAERT, 2004, p.254).

Para fazer essa relação buscamos o conceito de rede apresentado por Raffestin (1993) e os conceitos de rede e de sociedade em rede de Castells (2009), que nos permitem entender as relações nas redes sociais. Para um dos autores,

Uma rede é um sistema de linhas que desenham tramas. Uma rede pode ser abstrata ou concreta, invisível ou visível.A ideia básica é considerar a rede como algo que assegura a comunicação mas, por natureza, a rede que desenha

os limites e as fronteiras não assegura a comunicação. E uma rede de disjunção (RAFFESTIN, 1993, p.156).

Já para o outro autor:

[as] redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura (CASTELLS, 2009, p. 565).

Essa rede, ligada a nova tecnologia, nos leva a um novo território, onde o sujeito estabelece novas formas de relações, um espaço virtual, conceituado como e-território, definido como os “[...] lugares virtuais onde pessoas com referenciais históricos, interesses territoriais, projetos regionais e construções de identidades comuns se encontram para dominar determinado território concreto” (RAGEL; TONELLA, 2014, p.95).

O geógrafo Agripino Souza Coelho Neto, em seu artigo “Redes e Territórios”, de 2002, alerta que “...o diálogo entre os conceitos de rede e de território não é produto de nossa inventividade, sendo possível atestar a existência de numerosos trabalhos que investiram esforços nesta direção” (COELHO NETO, 2013, p.25).

Essa relação precisa ser analisada considerando a história e o que ela pode nos situar para entendermos os conceitos e os utilizarmos para analisarmos as situações com que nos deparamos nos dias de hoje. O tema do presente estudo leva a um território, que parecia dominado e que se vê, em mutação, sem que antes os agentes envolvidos pudessem se preparar para os resultados ou as consequências: a política, em tempos de internet tendo como armas as redes sociais.

Isso pois, se antes o livro de cabeceira dos marqueteiros para campanhas políticas era a “Arte da Guerra” de Sun Tzu, hoje é, ou será, se já não foram trocados, por Ciberespaço, de Levy (1999), principalmente se considerarmos que os grupos de discussão, podem ser considerados precursores do ciberativismo.

Para dar sentido à análise, foi adotado um dos princípios apontados por na interpretação da relação entre território e rede, o idealista, do binômio materialismo e idealismo, que nos leva a uma dimensão privilegiada, com alcance político, econômico e social.

A junção desses dois termos produz um terceiro, território-rede ou e-território, com sentido novo, cuja construção empresta elementos dos termos de origem, pois, a(s) rede(s)

enquanto componente(s) do território(s) produz efeitos, ora de territorialização ora de desterritorialização. Neste sentido, Haesbaert aponta que “vistas como componentes dos territórios, as redes podem assim estar a serviço tanto de processos sociais que estruturam quanto de processos que desestruturam territórios” (2004, p.298).

Essa análise se faz necessária desde sempre, porque, como bem analisou Honneth (2003, p. 9), nos dias de hoje a sociedade faz uma análise fria do capital disponível, sem considerar a ação social como um “necessário mediador”, tratando o sujeito, antes passivo, como se o “déficit sociológico” fosse algo irrecuperável, que o colocasse em desvantagem na disputa de poder, algo questionável em tempos de internet, com redes tão conectadas e reconectadas, já que os discursos podem e ‘são’, muitas vezes, produzidos de acordo com a necessidade do território a ser dominado.

Precisamos descobrir aqui, quem domina quem, e como isso se dá, para evoluirmos na análise do conteúdo postado no Grupo “Aconteceu em GV” no período em questão, o que levará a outros estudos e a uma análise já avançada, desta mesma ferramenta, mas em outro momento, quando, aí sim, a internet foi determinante no resultado. Para isso, vamos seguir o raciocínio de Souza (2005, p.80), para “conjuguar a ideia de poder e por extensão de território e autonomia”.

O território, nosso principal instrumento de estudo nessa pesquisa, não precisa estar necessariamente ligado ao Estado, pois os “...territórios existem e são construídos (desconstruídos), nas mais diversas escalas” (SOUZA, 2005, p. 80) e portanto não precisamos nos ater à expressão “território nacional” a que sempre fomos colonizados, eliminando assim o que antes era colocado como o poder por excelência pela Geografia e Ciência Política, por exemplo.

Estamos fugindo dos conceitos antigos, ou, seria melhor afirmar, seguindo novos conceitos, que nos levam a territórios que não estão ligados a espaços concretos, mas a “ [...] espaços que habitam e são imaginados como uniformemente abertos e flexíveis, estabelecidos em um sistema de informação global móvel, anunciado como sendo a vanguarda da destruição da velha rigidez.”, como nos explica Massey, em seu livro “Construindo e disputando tempo-espaço” (2008, p. 251).

A movimentação do sujeito nesse território é que nos faz enxergar e valorizar um novo espaço, onde podemos ir e vir, sem nos ligar a um discurso iminentemente ideológico, mas sim de interesses individuais, capaz de valorizar o solo, já que no Grupo “Aconteceu em GV” temos

sujeitos com origens fincadas em Valadares, mas espalhados por todo território internacional.

Esse ponto coloca em pauta a valorização do lugar de origem, e estimula assim a participação nesse novo território, que vamos identificar como e-território, e nos leva a entender melhor a territorialidade, a desterritorialização e a reterritorialização, quase que simultânea dos sujeitos ativos na comunicação política proposta, exatamente o que nos leva à formação das redes pessoais e ao fortalecimento das redes sociais. Uma relação intrínseca, social e às vezes destituída de fundamentação própria do ator social, na construção do discurso e não da realidade.

Primeiro não podemos abrir mão dos conceitos, mas precisamos aqui ver como eles se adequam ao nosso objeto de pesquisa, que é o e-território. Não podemos tratar o território como 100% materialista e nem o inverso, porque nas redes esse conceito é um duo.

O território idealista nos permite buscar e abordar a combinação dos grupos sociais, como bem nos coloca o geógrafo Di Meo (2004, p.1), uma relação que reporta à identidade do Grupo. No nosso caso, associada ao Grupo de Discussão ‘Aconteceu em GV’, nos revela que “A identidade resulta sempre de uma relação interativa entre agentes e atores (!) sociais.” exatamente como parece ser nas Redes Sociais, porque há, como nos diz Haesbart (2007, p. 42), uma multiterritorialidade pujante entre os atores atuantes neste e-território.

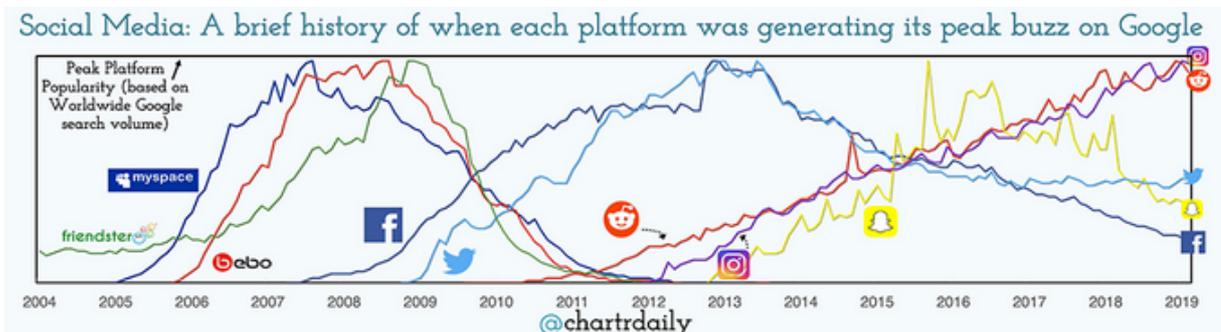
Não se trata de abandonar os conceitos, mas entender o movimento do território, já o que um território agora pode não ser depois. Essa mobilidade, como nos diz Haesbaert (2004, p.299), é também um instrumento de poder e no caso dos territórios-rede, como estamos analisando, um instrumento de poder potencializado, porque o sujeito pode mudar de território para buscar o melhor discurso. Isso provoca constantes e concomitantes desterritorialização e reterritorialização, além de multiterritorialidades. A ideia é controlar o fluxo da informação, porque isso é sinônimo de poder e conseqüentemente de reconhecimento.

Em todo tempo estivemos orientados a seguir os conceitos da Ciência Política, que coloca o poder no centro do Estado e, assim, concomitantemente a Geografia aliou esse mesmo poder ao território, já que para legitimar o poder é preciso exercê-lo sob ou sobre algo palpável, o que não se aplica necessariamente aos dias de hoje, e menos ainda ao que vimos acontecer na internet, especialmente nas redes sociais, e aqui no nosso objeto de pesquisa, um Grupo de Discussão no Facebook.

O poder começa a ser exercido de outra forma por uma fatia significativa da sociedade, que aqui podemos colocar como mais da metade dos brasileiros, com mais de 16 anos, independentemente da classe social ou sexo, nos 27 estados da federação, conforme mostra uma pesquisa IBOPE, contratada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República em 2014.

A pesquisa mostra que esses brasileiros acessam a internet, preferencialmente de casa, à noite, onde passam cerca de 3 horas e 40 minutos por dia, sendo que 54% a usam para acessar o Facebook, mídia social do momento em 2014, no auge da popularidade, como mostra gráfico de evolução das redes sociais, criado pelo usuário “chartrdaily”, do fórum Reddit (Figura 1).

Figura 1 — Gráfico de evolução das Redes Sociais.



Fonte: Bataglia (2019)

As redes não são um conceito novo. Elas remetem às redes físicas, como as rodovias, ferrovias, telegrafia, telefonia, teleinformática e, finalmente, às redes sociais. Basta fazer uma leitura histórica para lembrar que cada uma foi sendo substituída pela outra no primeiro momento, para depois agregar, diminuindo assim a distância espacial e temporal.

A velocidade com que as mudanças aconteceram é, nos dias de hoje, quase impossível de memorizar ou até mesmo de registrar. Para se ter uma ideia, em 2014 a maior parte das pessoas acessava a internet pelo computador para navegar pelo Facebook. Hoje a ferramenta é o smartphone, e essa rede não é a mais importante, e estamos falando de apenas cinco anos de diferença. Mas até que chegássemos à teleinformática, as mudanças não foram tão rápidas assim. Por isso, hoje é importante que possamos estudar cada momento, para entender a evolução dos processos, das práticas e dos conceitos.

A análise de conteúdo das postagens do Grupo de Discussão “Aconteceu em GV” nos

leva a uma análise mais ampla sobre “[...] a capacidade virtual de criar condições sociais inéditas, de modificar a ordem econômica mundial e de transformar os territórios” (DIAS, 2005, p.143). Afinal, nos dias de hoje, o termo “rede” já parece marginalizado, se formos considerar a forma como ele é usado, em qualquer que seja a situação, mesmo que não lhe caiba o significado atribuído.

Dias orienta que “[...] a análise das redes implica abordagem que, no lugar de tratá-la isoladamente, procure suas relações [...]” (DIAS, 2005, p.149). No nosso caso as relações englobam as ferramentas, os interesses e principalmente o momento, sendo uma campanha política nacional para eleição de um presidente do Brasil. A autora afirma, ainda, que as grandes corporações se organizam pelas redes, processo muito parecido com a teia política e sua necessidade de reorganização, ou poderíamos dizer de reterritorialização, no ou do e-território.

Não podemos esquecer que nesse e-território temos um fator muito importante e até determinante para considerarmos a importância daquilo que cada sujeito posta ou comenta. Independentemente das relações, independentemente das influências que soam muitas e simultâneas, a internet está cheia de sujeitos “autônomos”, ou seja, independentes, como nunca foram, e que agora se acham livres para dizer o que pensam, o que julgam ser verdade, a solução que acreditam ser fácil, sem se preocuparem com o depois da fala, até porque podem apagar, e muita gente nem sabe que esse pode ser considerado um artifício falso.

A rede fortalece, o computador cria “monstros” virtuais capazes de dominar um Grupo, como o da discussão que analisamos, se considerarmos que se trata de um espaço social, que foi apropriado, para não dizer invadido, porque alguns deixam a porta aberta ou autorizam você a entrar, fazendo disso um montante disponível para pesquisa e análise do “fantástico mundo novo”.

Será que dá para falar em territorialidade autônoma, como propõe Souza (2005, p. 108), “[...] que não seja patética ou quixotesca”? Esta é uma analogia possível em 2014 e impossível em 2018, em função dos rumos e dos fluxos que a comunicação em tempo de política seguiu nas redes sociais, entre uma campanha e outra.

Verdade é que Souza (2005, p.109) tem razão quando diz que lutas são pontuais, temáticas e por muitas vezes socialmente, limitadas, e não fosse pela ausência de fronteiras e pelo mínimo espaço temporal, em nada o ativismo cibernético seria diferente do ativismo de bairro ou de movimentos, partidários ou não, porque é exatamente a mesma dinâmica, com

advento do sujeito poder parecer outro, uma vez que o olho no olho está por tempos descartado.

Os sujeitos envolvidos, os que comentam e discutem os temas, estão em constante disputa ou defesa do e-território, como se fosse o seu território de origem, o que deve pesar mais para quem está geograficamente distante, no que diz respeito ao espaço físico. O grupo parece um espaço pequeno, embora na prática não seja, mas essa sensação de domínio é que garante a autonomia de alguns.

Em um Grupo de Discussão, como o “Aconteceu em GV”, a paisagem que é a Linha do Tempo desse grupo muda de acordo com territorialidade proposta por determinado sujeito que está atuando no momento. Por isso, a busca do discurso ideal, para manter a autonomia e o “domínio”, e assim como nas favelas usadas, como exemplo, por Souza (2005, p.110). A paisagem muda de acordo com o comentário, porque o post sobe, vai ao topo e volta a ser destaque.

Assim, quem postava eram apenas os mediadores, e o Grupo de Discussão se limitou aos comentários, o que por um lado parecia ruim, para a nossa pesquisa foi um ganho, porque mostrou como os sujeitos participantes do Grupo usaram a regra do pixel do Facebook em favor dos seus interesses, para assim mudar a paisagem ao seu “bel-prazer”. É o sujeito buscando sua sobrevivência, do ponto de vista da visibilidade.

Veja bem como funciona a rede social, seja na timeline do perfil e dos grupos. Na timeline do perfil você tem uma linha do tempo que respeita a data de postagem, deixando tudo na ordem do calendário gregoriano. No grupo a timeline é ordenada pelo interesse que os membros dispensam a determinado post. Independentemente disso, a popularidade vai ser medida pelo número de likes, comentários e compartilhamentos.

Na linha do tempo os comentários e compartilhamentos podem levá-lo a pessoas com quem você nunca pensou encontrar ou interagir, porque, à medida que alguém comenta ou compartilha, você abre a possibilidade de gerar interesse na timeline de quem comentou, porque vai aparecer como uma ação daquele sujeito. No grupo, essa popularidade será apenas entre os membros, o que se torna bem interessante se considerarmos que no grupo “Aconteceu em GV” tinha em 2014 mais de 20 mil membros, quase dez por cento da população da cidade de Governador Valadares.

As redes sociais no território-rede se tornaram a voz do cidadão sem voz no território-

zona, considerado mais tradicional, aquele vinculado ao solo e ao Estado, porque provoca a falsa sensação de que ele está sendo ouvido, uma vez que em um Grupo de Discussão, por exemplo, como o “Aconteceu em GV”, ele é ouvido especialmente e exclusivamente por aqueles que participam do grupo, mas a simples possibilidade de poder dizer o que quer, sem que ele seja “descoberto”, “responsabilizado” ou “agredido”, já garante a tal sensação de liberdade, o tal poder libertador de que fala Castells (2009, p.42).

E assim como as redes físicas, a rede virtual garante ao território-rede uma ampla área de atuação, que vai além das fronteiras nacionais e internacionais, ao passo de um click de para postar. Um poder sem tamanho e ainda sem a possibilidade de ser medido exatamente — afinal as métricas ainda são um terreno árido para a grande maioria dos usuários.

O que devemos considerar em nossas análises, especialmente nessa, é que a relação mudou, as redes ganharam destaque em detrimento do território, embora um não possa ser dimensionado sem o outro, porque podemos dizer que as redes, segundo Raffestin, são as responsáveis pela organização do sistema territorial (1993, p.158) e, embora ele se refira às redes concretas, a análise se adapta corretamente às virtuais, mesmo se tratando de um território descontínuo, pois estão, assim como as redes concretas que compõem o território zona, ligadas com uma malha parecida com as tessituras e nós descritos pelo autor.

Aqui, por ser o e-território um estudo ainda novo, precisamos unir todas as possibilidades que os conceitos nos revelam, mas o que esse estudo mostra na prática é que os sujeitos, no caso os atuantes no Grupo “Aconteceu em GV”, sentem-se territorializados no e-território, e, em busca do poder que o discurso demonstra, se desterritorializam e se reterritorializam, em busca das palavras ideais para demonstrar conhecimento e assim atrair a atenção dos demais sujeitos, deixando seus comentários em evidência a partir das curtidas, dos comentários ou das respostas aos comentários.

Partindo do princípio de que todos têm interesses e intenções, já que o tema é política partidária e as eleições presidenciais, embora sem compromisso próximo e iminente, o que facilita o discurso, os sujeitos buscam ter influência no território-zona pelo fortalecimento do seu discurso na sociedade, já que uma está diretamente ligada à outra e provoca reações e mudanças para além das redes sociais e até mesmo do território-rede. Não se trata de uma posição ao real, como nos diz Levy (1999), porque o virtual é real, embora não tenha, em tese, endereço fixo, e pareça quase onipresente, porque a rede parece toda uma coisa só, embora não

seja.

Essa realidade é tão forte que nos aproxima, tornando a distância temporal algo pouco importante. No Grupo “Aconteceu em GV” os valadarenses que moram nos Estados Unidos comentaram e participaram, como se estivessem aqui fisicamente, porque de fato estão ligados emocionalmente a esse território, e veem o Grupo como uma forma de se aproximar dele, se territorilizando no e-território e buscando demonstrar seu domínio das relações, embora estejam longe já há algum tempo. Quem participa pode estar em qualquer lugar, o que só reforça a tese da pouca importância do endereço fixo.

No Quadro 1, abaixo, apresentamos as principais dimensões do Grupo que norteiam essa pesquisa.

Quadro 1 — Dimensões do Grupo Aconteceu em GV.

Dimensões	Variáveis	Especificações
Organizacional	Atores Sociais	Pessoas, do sexo feminino e masculino, que têm um Perfil no Facebook e se interessam por política partidária e eleições. Precisam ser aceitas pelos idealizadores do Grupo.
	Origem	Maior 2012 no Facebook
	Natureza dos Fluxos	Informações políticas e econômicas publicadas nos veículos de comunicação local, estadual ou nacional que influenciavam a vida da cidade
	Função	Ser uma referência quando o assunto fosse política
	Finalidade	Ser um arquivo digital dos fatos políticos da cidade
	Existência	Virtual
	Temporal	Duração da rede
Velocidade dos fluxos		Instantâneas – as pessoas podem ler e comentar os posts assim que são postados
Espacial	Escalas	Múltiplas – mas têm como referência territorial e objetivo focado em Governador Valadares
	Forma Espacial	Abstrata/Concreta – Está ativa no mundo virtual, mas tem efeitos no mundo real como o processo judicial que mudou as regras do grupo em 2013

Fonte: Dimensões, variáveis e especificações do Grupo de Discussão “Aconteceu em GV” —

Adaptado de Corrêa (1997).

O que motiva os participantes do Grupo de Discussão, o que motiva em si, é a possibilidade de poder por meio da informação e/ou opiniões que o sujeito produz, porque assim, perto ou distante, podemos “influenciar” de alguma forma o processo, nesse caso o político, direta ou indiretamente, é o que Rangel e Tonella (2014, p. 103) chamam de “[...] intercambiação entre o virtual e o real, entre os acontecimentos, movimentando o espaço,

criando outras realidades de referência, desencadeando novos eventos, num processo contínuo, com infinitas possibilidades de articulações”.

2.2.2 *E-território e comunicação*

A comunicação é sem dúvida a mais interdisciplinar das disciplinas de que se tem conhecimento e, mesmo tendo levado tempo para ser considerada ciência, é indispensável para divulgar o saber científico. No início, quando ainda nem pensávamos em ter comunicólogos, tivemos que recorrer a outras disciplinas, essas sim já consideradas ciências, por sua organização metodológica, como a Psicologia e Linguística, para entender como se dava o processo de comunicação.

Na prática, por muito tempo o exercício profissional não era feito por pessoas graduadas, porque não era exigida formação, já que o primeiro curso de jornalismo no Brasil data de 1943. Desde 2009, uma decisão do Supremo Tribunal Federal determinou que não é necessário o diploma para o exercício da profissão, num retrocesso temporal no território brasileiro, se considerar que esse tipo de determinação, legal ou não, em cada fração do tempo, empodera outras profissões regulamentadas, como é o caso das Relações Públicas, a se sentirem no direito de ocupar esse espaço que “parece” vago.

A partir daí é possível estabelecer uma relação direta com os conceitos de território e territorialidade, já que a comunicação levou muito tempo para definir o seu espaço e conquistar o seu território. A história da comunicação e a sua prática reforçam o conceito apresentado por Raffestin (1993, p. 143), de que o espaço antecede ao território, e que o ator, nesse caso o comunicador, ao se apropriar de qualquer espaço, primeiro o “territorializa” de forma concreta ou abstrata, para assim criar o seu cenário e fazer a tomada original de poder.

Raffestin (1993, p. 144) explica que todo projeto é sustentado por um conhecimento e uma prática, isto é, por ações e/ou comportamentos que supõem a posse de códigos, de sistemas sêmicos. E por esses sistemas que se realizam objetivações do espaço, que são processos sociais. É preciso, pois, compreender que o espaço representado é uma relação e que suas propriedades são reveladas por meio de códigos e de sistemas sêmicos. Nas redes sociais as relações acontecem assim, e os sujeitos, ou usuários, de posse dos códigos que dominam aquele território, apresentam seus discursos e opiniões, a partir de comentários e ou curtidas.

A ideia do avanço tecnológico, analisado por Thompson (2014, p. 142), que muda as relações sociais se coaduna e é respaldada pelo conceito de redes de informação descrito por

Raffestin (1993, p.158), em que, a partir da circulação da informação, o autor ou o veículo define o seu poder de persuasão não apenas pelo seu alcance, mas pela territorialização que a informação provoca.

Se é verdade que até à época contemporânea a rede de circulação e a rede de comunicação formavam uma só coisa, ou quase, a tecnologia moderna acabou por dissociá-las. Enquanto a informação, até o século XIX, andava mais ou menos no ritmo dos homens e dos bens, desde então as distâncias em matéria de comunicação foram praticamente abolidas, na medida em que a transferência da informação de um ponto a outro do mundo pode ser quase imediata. Ao mesmo tempo em que as "distâncias temporais" em matéria de circulação foram consideravelmente reduzidas, isto é, as taxas de convergência deram grandes saltos, há uma especialização muito avançada das redes de circulação e de comunicação, que não mais se confundem, como explica Raffestin (1993, p. 201).

É importante refletir ainda sobre as possibilidades de territorialização que a globalização nos abre, e aí encontramos uma discordância conceitual importante proposta por Hasbaert (2007, p. 41), que faz uma reflexão sobre a diferença entre globalização e internacionalização, o que nos leva, a partir da análise de Thompson (2014, p. 135), a uma falsa ideia de homogeneização, quando na verdade o que a sociedade experimenta, do ponto de vista do capital, é apenas um aumento da extensão geográfica, que, a partir das redes, formadas pelos fluxos de comunicação, promovem uma relação polêmica, entre as redes, os lugares e território, criando uma dissociação que pode gerar um falso conceito de território, entre os que, sendo comunicadores, acreditam que ocupam, o que é um fato comum nas redes sociais.

Outra reflexão importante nesta análise é quanto à disputa de território descrita por Hasbaert (2014) no nível conceitual. A promoção da discussão que ocorre nas redes sociais integra a ideia inicial da desordem, que tem provocado inúmeras críticas sobre a utilização das redes como ferramenta de comunicação. Mas, partindo desse pensamento, precisamos considerar o que parece ser mais pertinente, porque promove uma mudança, que ainda está sendo avaliada se positiva ou negativa na sociedade, que ainda não encontrou o caminho para exposição de suas opiniões.

Essa desordem parece fruto de uma grande demanda reprimida de opiniões e oportunidade de expressá-las, mesmo sendo um cidadão comum, o que antes parecia exclusividade daqueles que detinham o poder, a partir da posição que ocupavam ou dos valores

que acumulavam, hoje está ao alcance de qualquer um que tenha acesso à internet, um smartphone e uma conta na rede social, mesmo que tendo a falsa ideia de que é ouvido e visto por todos.

É possível compreender que nesse no e-território, do Facebook, por exemplo, acontecem de forma repetitiva e gradual processos constantes de desterritorialização e reterritorialização, diante das discussões e das disputas de poder que ocorrem a todo momento, seja pelo conhecimento demonstrado ou pela capacidade de argumentação, que atraem outros usuários para determinado comentário que domina a discussão, às vezes fugindo até mesmo do tema central do post, ou acrescentando informações que motivam a discussão. Esse poder simbólico, às vezes micro, às vezes macro, como bem coloca Hasbaert (2004, p. 46), tem sido ao longo da história de fundamental importância, seja para coagir, seja para buscar o consenso, entre aqueles que participam desta disputa.

Nas redes sociais, mais especialmente nos grupos de discussão do Facebook, é possível acompanhar esse processo de construção e reconstrução permanente, já que não se trata de um espaço apenas, mas, nesse caso, de território ocupado e ao mesmo tempo móvel. O sujeito tem uma mobilidade, que lhe dá o poder de colocar *in loco* a discussão que lhe interessa, uma vez que no Grupo de Discussão você pode trazer o assunto à tona com um simples comentário, atualizando a *timeline* do grupo, conforme o seu interesse e a conveniência que lhe couber.

Ao analisar as transformações provocadas pelo surgimento dos meios de comunicação de massa e na sequência a globalização, Thompson (2014, p. 154) reflete sobre como isso alterou as formas de poder na sociedade, principalmente com a emergência do poder simbólico, ou seja, o poder exercido através da mídia. O autor aborda detalhadamente as formas de poder econômico, político, coercitivo (especialmente o militar) e o poder simbólico. Através do poder simbólico, quem o possui, no caso do Facebook, informação/conhecimento, pode realizar ações passando a intervir nos acontecimentos, próprios e alheios, e proporcionando assim as consequências mais diversas.

Raffestin (1993, p. 54) nos leva a entender o poder como parte de todas as relações, e a comunicação estabelece em todo momento uma relação com os atores a quem se dirige. Como a comunicação está em todo lugar, vem de vários pontos e vai a todas as direções – rádio, jornal, televisões, revista, face a face e Internet – reforça-se a inutilidade de buscar o poder em

um ponto central, visto que no exercício do jornalismo, por exemplo, é a Agenda Setting², muitas vezes desigual em conteúdo, que vai induzir a reconhecer vários estados de poder comunicacional.

Essas possibilidades não eliminam e nem tiram a importância da tradição oral e da interação face a face, que continuam a desempenhar um papel importante na elaboração das nossas relações de poder, porque permeiam a nossa compreensão do passado e do presente, operando um processo de compreensão que se serve cada vez mais dos conteúdos simbólicos presentes nos produtos das indústrias da mídia.

Uma coisa é certa: a energia e a informação sempre estão presentes simultaneamente em toda relação. Raffestin (1993, p. 54) explica que:

[...] a troca verbal, a relação oral, não é puramente informacional, pois é necessária uma quantidade de energia para que a comunicação tenha lugar. O laço entre o poder e o saber é evidente, mas não há nem informação pura nem energia pura. Trata-se sempre de uma combinação das duas. O espaço-tempo relacional é organizado pela combinação de energia e informação.

Nas redes sociais essa troca não é tão evidente num primeiro momento ou em uma análise mais simplista, mas pode ser identificada claramente nos movimentos, como que num tabuleiro de xadrez, onde cada movimento tem uma intenção e vem carregado de uma estratégia, o que pode causar um sentimento de pertencimento àquele que se identifica com o movimento, ou de estranheza àquele que não se identifica.

Para Thompson (2014, p. 39) é importante entender que, ao alterar a compreensão do lugar e do passado, o desenvolvimento dos meios de comunicação modificou o sentido de pertencimento dos indivíduos, isto é, a compreensão dos grupos e das comunidades a que eles sentem pertencer. Mas, à medida que a nossa compreensão do passado se torna cada vez mais dependente da mediação das formas simbólicas, e a nossa compreensão do mundo e do lugar que ocupamos nele vai se alimentando dos produtos da mídia, do mesmo modo a nossa compreensão dos grupos e comunidade com que partilhamos um caminho comum através do tempo e do espaço, uma origem e um destino comum também vão sendo alterados: sentimo-nos pertencentes a grupos e comunidades que se constituem em parte através da mídia, ou

² Agenda Setting. A Teoria do Agendamento pressupõe que as notícias são como são porque os veículos de comunicação nos dizem em que pensar, como pensar e o que pensar sobre os fatos noticiados (MCCOMBS; SHAW; WEAVER, 1997).

completamente excluídos deles.

Essa teoria nos remete à concepção de Elias e Scotson (2000, p. 20), no estudo “Os Estabelecidos e os Outsiders” onde podemos observar de forma prática e em grupos como a informação, repassada aos que chegam, cria de forma automática essa sensação de pertencimento ou não, a uma comunidade, a partir do rótulo comunicacional de inferiorizado, que é dispensado por meio dos termos oriundos da língua.

Ao analisar, a partir do conteúdo dos discursos no Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”, as novas relações de poder que se estabelecem nas redes sociais, essa nova ferramenta de comunicação que ganhou força e notoriedade no Brasil a partir do ano 2000, será preciso buscar a história que mostra a origem da internet e os principais conceitos de rede, principalmente associados à tecnologia da informação, e as influências que elas exercem na sociedade contemporânea, tendo como base parte dos estudos realizados pelo sociólogo espanhol Manuel Castells (2009, p. 90), que resultou no livro *Sociedade em Rede*, onde ele afirma, como se fosse hoje, que se bilhões de microscópicos aparelhos de processamento de dados se espalhassem por toda a parte as redes seriam, materialmente falando, a trama da nossa vida, o que parece ter acontecido considerando a influência das redes sociais na vida das pessoas e o poder que elas “passam a ter” quando estão comentando tendo a Rede como escudo.

Castells (2009, p. 413) explica como se deu a relação do homem com as novas tecnologias, e como a evolução tecnológica dos meios de comunicação foi, a cada época, ocupando seu espaço no coração e na alma das pessoas, não apenas pelo avanço audiovisual, mas pela facilidade e proximidade que ofereciam.

[...] A integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e preço acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação... (CASTELLS, 2009, p. 414)

O sociólogo nos leva a uma reflexão fundamental para fazer uma análise que esteja mais próxima do que realmente se dá nos grupos, a de que a cultura é mediada e determinada pela comunicação e que essa poderosa ferramenta que é a internet, mediada por interesses que passam pelo social, pela política, pelas estratégias comerciais e governamentais, exige uma avaliação detalhada se as Redes em si estão se tornando uma bagunça generalizada ou um direito democratizado ao discurso, que chegam aos extremos em função da demanda reprimida da sociedade.

Fato é que, a exemplo do que sonhou o Governo Francês com o Minitel (um sistema de videotexto projetado pela Companhia Telefônica Francesa em 1978 e colocado no mercado em 1984) o povo se apropriou das redes sociais, fazendo delas instrumento de formação de sua identidade, a partir de suas opiniões políticas e sociais que são colocadas em comentários e posts em tempo real ou atrasado, como disse Castells (2009, p. 429) sobre a internet.

Recuero (2015, p. 15) nos alerta que as redes se tornam a força motora da comunicação, sem eliminação, como nos diz Jenkins (2008, p. 41), já que se trata de convergência, o conteúdo pode mudar, mas os meios interagem entre o antigo e o novo. Por isso temos que estar atentos sobre essa nova forma de aprender sobre a natureza da sociedade.

Os modelos de rede são perfeitos para estudar muitos dos processos sociais de interesse crítico. Da adoção de novos produtos e inovações ao surgimento de movimentos sociais, as redes, efetivamente, capturam, as formas através das quais as populações conectadas operam (RECUERO, 2015, p. 15).

As redes sociais de hoje, na internet, Recuero (2015, p. 23) nos explica, nada mais são do que traduções das redes sociais dos espaços off-line dos indivíduos e de suas conexões sociais, como a diferença que na rede deixamos um rastro. No nosso caso, como o Grupo Aconteceu em GV está vinculado ao Facebook, sofremos menos com as questões temporais e podemos acompanhar esse rastro, por ser um grupo com mais dificuldade do que se fosse na timeline do perfil, mas mesmo assim, é possível fazer essa análise. “Trata-se de um complexo universo de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos”, como explica Recuero (2015, p. 25). Um fenômeno emergente, que permite ao ator se apropriar do espaço dos sites de redes sociais, fazendo deles seu território, de poder e influência.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de estudo

Segundo Gil (2008, p. 1) desde sempre o ser humano busca conhecer o mundo e para isso vem desenvolvendo métodos que possam atestar que o que ele afirma é verídico. Nesse trajeto, muitas foram as formas de conhecimento. O popular, o religioso, sentimental e educacional, especialmente aquele sistema adotado pelos pais, que permeia toda a experiência de vida.

Mas essa base leva a uma observação que Gil (2008, p. 2) nomeia como casual, que segundo o autor não atende aos mais críticos, porque leva a equívocos sociais, e foi por isso que surgiu a Ciência, para garantir dados mais seguros e assim ciência, que também quer dizer conhecimento, passou a respaldar o estudo do comportamento humano. Para o autor:

O conhecimento científico é objetivo porque descreve a realidade independentemente dos caprichos do pesquisador. É racional porque se vale sobretudo da razão, e não de sensação ou impressões, para chegar a seus resultados. É sistemático porque se preocupa em construir sistemas de ideias organizadas racionalmente e em incluir os conhecimentos parciais em totalidades cada vez mais amplas. É geral porque seu interesse se dirige fundamentalmente à elaboração de leis ou normas gerais, que explicam todos os fenômenos de certo tipo. É verificável porque sempre possibilita demonstrar a veracidade das informações. Finalmente, é falível porque, ao contrário de outros sistemas de conhecimento elaborados pelo homem, reconhece sua própria capacidade de errar (GIL, 2008, p. 3).

Desde que se pensou a ciência, as análises são uma realidade. Primeiro as iniciativas foram de interpretação dos textos, assim como dos sonhos. Depois passamos à lógica, momento em que tentamos descobrir se havia uma regra formal de raciocínio. Desde que os pesquisadores decidiram utilizar instrumentos mais rigorosos para analisar as comunicações, a Pesquisa Social tem sido um instrumento para análises de todos os tipos.

A Comunicação Social, a Geografia e a História são ciências humanas e sociais. Embora constituídas sob a égide do positivismo, têm um objeto de estudo muito diferente das ciências físicas e biológicas, como explica Gil (2008, p. 4), o que implica em dificuldades como objetividade, experimentação e generalização.

Gil (2008, p. 5) nos alerta para a dificuldade de quantificar, afinal esse é um instrumento que determina a precisão da medida, mas que podemos solucionar com a profundidade da análise e é exatamente aí que mora o perigo, uma vez que nessas ciências pode faltar ao

pesquisador objetividade.

Frente aos fatos sociais, o pesquisador não é capaz de ser absolutamente objetivo. Ele tem suas preferências, inclinações, interesses particulares, caprichos, preconceitos, interessa-se por eles e os avalia com base num sistema de valores pessoais. Diferentemente do pesquisador que atua no mundo das coisas físicas – que não se encontra naturalmente envolvido com o objeto de seu estudo – o cientista social, ao tratar de fatos como criminalidade, discriminação social ou evasão escolar, está tratando de uma realidade que pode não lhe ser estranha. Seus valores e suas crenças pessoais o informam previamente acerca do fenômeno, indicando se é bom ou mau, justo ou injusto. É com base nessas concepções que irá abordar o objeto do seu estudo. É pouco provável, portanto, que ele seja capaz de tratá-lo com absoluta neutralidade. Na verdade, nas ciências sociais, o pesquisador é mais do que um observador objetivo: é um ator envolvido no fenômeno (GIL, 2008, p. 5).

O autor afirma que isso não invalida a pesquisa social, mas exige ir além o positivismo, porque para ele parece inconcebível aplicar o princípio da objetividade para uma análise de comportamento humano, separando o sujeito do objeto, e por isso vamos praticar diferentes quadros de referência, que vão garantir a qualidade da interpretação dos dados.

Assim, embora pareça possível fazer experimentos nas pesquisas sociais, não é possível para negligenciar essa possibilidade, uma vez que “pesquisas sobre migrações, comportamento político e variação de índices de natalidade, que, embora não sendo rigidamente experimentais, possibilitam razoável grau de controle das variáveis envolvidas”, explica Gil (2008, p. 6).

Lembrando ainda que, nas pesquisas sociais, cabe seguir o caminho de indicar e identificar as tendências. Afinal, a verdade, assim como no jornalismo, pode ser relativa e até provisória, e essa aproximação de conceitos torna a escolha da Pesquisa Social um caminho mais adequado, porque as ciências se completam e se assemelham.

Essa metodologia permite a sociólogos, psicólogos, historiadores, odontólogos, geógrafos e comunicadores, além de uma lista quase infinita de estudos, fazerem suas análises, seja para detectar qual a relação que uma criança tem com seu dentista, ou para verificar qual o discurso está sendo adotado em determinada rede social quando o tema é a política, assim como permitiu aos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, entender quais os recursos simbólicos que foram utilizados pelos meios de comunicação para fazer propaganda subversiva.

A Pesquisa Social nos permite “ultrapassar a incerteza” e o enriquecimento da leitura, a partir de uma investigação detalhada de documentos, e traz a oportunidade de compreender a comunicação muito além de seus significantes e significados, que nos permitem entender

simbolicamente o verdadeiro significado, ou o significado implícito da mensagem.

Resta então, para dar valor científico a esse conhecimento alcançado com uma pesquisa social definir um método que permita a verificabilidade dos dados, e este não está engessado, porque não há um modelo para todas as pesquisas, mas a possibilidade de vários métodos.

Para este trabalho vamos adotar bases lógicas de investigação, que segundo Gil (2008, p. 9) permite observações a partir de caminho indutivo e até fenomenológico, para os quais o conhecimento está fundamentado na experiência, sem princípios pré-estabelecidos, observando fatos e fenômenos, o que nos leva a conclusões prováveis. Assim, observando, saímos da especulação e passamos a produzir conhecimento científico de fato.

3.2 Procedimentos metodológicos

Optamos por fazer o exercício do “Monitoramento e pesquisa em Mídias Sociais³”. Tais estudos e propostas, na maioria das vezes, são desenvolvidas por softwares, mas, nesse caso especificamente, foi realizada manualmente, por ausência de um software cuja função seja específica para monitorar Grupos no Facebook. Essa plataforma foi escolhida porque é a mais utilizada globalmente, conforme dados da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015 (SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2014), 83% dos brasileiros com acesso a internet possuem conta no site.

Conforme pode ser observado em Alves (2016, p 78) um caminho é elaborar as amostragens a partir de técnicas de análise de redes sociais, criando um fluxograma:

1. Facebook (Plataforma)
2. Grupo de Discussão (Micro)
 - a. Busca
 - b. Por data
 - c. Por palavras
3. Postagens (Micro)
4. Curtidas, comentários e compartilhamentos (Micro)

³ Para Raquel Recuero (2008), Mídia social é aquela ferramenta de comunicação que permite a emergência das redes sociais. ... é social porque permite a apropriação para a sociabilidade, a partir da construção do espaço social e da interação com outros atores.

Como os resultados podem ter sua aplicabilidade praticamente imediata, porque o resultado é rápido, com usos previstos a curto e médio prazo, consideramos a finalidade da pesquisa como aplicada, pois, como afirma Gil (2006, p. 27), tal pesquisa está relacionada com as próprias descobertas e se enriquece com o seu desenvolvimento.

Considerando-se os objetivos, pode-se afirmar que a pesquisa é desenvolvida em dois níveis, caracterizando-se, portanto, como um estudo descritivo e exploratório. Considera-se exploratória porque pretende esclarecer conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores: Ainda que

De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. ...Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2006, p. 27).

Mas trata-se também de uma pesquisa descritiva, porque visa descrever como ocorrem o posicionamento e o engajamento dos membros do grupo, objeto de estudo, na fase final do primeiro turno das eleições presidenciais, a partir da motivação do moderador. Gil (2006, p. 28), explica que podemos tratar de dados de um grupo qualitativos e quantitativos, porque poderemos trabalhar com os números do grupo, mas também com as opiniões que elas emitem. “As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”.

Partindo do princípio de que a pesquisa social deve se limitar ao que é possível ser observado, definimos os procedimentos, para garantir que se trata de uma pesquisa científica, mesmo que não se atenha a ser objetiva, como propõe o positivismo. Assim, conforme explica Gil (2006, p. 29), já que as predisposições dos observadores vão afetar de alguma forma a produção do conhecimento,

Quanto mais as observações se afastam da realidade física, maiores as possibilidades de distorção. Quando um biólogo lida com bactérias, por exemplo, há poucas possibilidades de distorção, porque seus pontos de vista e inclinações pessoais dificilmente interferirão no estudo. Mas quando os cientistas tratam de temas como personalidade, criatividade, autoritarismo ou classe social, as possibilidades de distorção aumentam consideravelmente (GIL, 2006, p. 29).

Por isso, a alternativa adotada é a de "pesquisa participante", que se caracteriza pelo

envolvimento dos pesquisadores no processo de pesquisa, segundo o qual, como explica Gil (2006, p. 30) a realidade não é fixa e o observador e seus instrumentos desempenham papel ativo na coleta, análise e interpretação dos dados. Nesse contexto, cabe afirmar que, considerando o objeto, o indicado é realizar uma pesquisa participante, porque se trata de um Grupo que o pesquisador tem que participar para observar.

Caracteriza-se também como uma pesquisa documental, porque não trabalha apenas com livros e artigos, mas busca como fonte materiais que ainda não receberam tratamento analítico, como é o caso do grupo do Facebook como fonte da pesquisa, um documento considerado por Gil (2006, p. 51) como de primeira mão, ou seja, porque não receberam, nesse caso, nenhum tipo de tratamento analítico.

Embora se trate de pesquisa participante, é importante deixar claro que nenhum sujeito foi abordado e nenhum deles será identificado. O único contato foi com o administrador do Grupo, feito por meio de uma entrevista jornalística, quando esclareceu informações de fundação e os motivos que levaram a suspensão dos posts por parte dos membros do grupo, ou seja, de caráter puramente informativa.

Trata-se, ainda, de uma pesquisa Quantitativa-Qualitativa em ambiente online. Do ponto de vista quantitativo, porque vai trabalhar com alguns números, serão utilizados dados quantitativos que, segundo Gil (2006, p. 55), a partir das informações conseguidas, nos permitem conclusões correspondentes, extremamente úteis, bem como permite conhecer a realidade da situação em estudo e quantificar, agrupando os dados em tabelas que podem ser codificadas, fazendo correlações.

Mas é preciso estar atento aos dados, uma vez que os números podem nos dar uma visão estática do que estamos estudando e, por isso, decidimos por uma análise qualitativa dos dados, o que nos permite categorizar a pesquisa, em qualquer ordem, criando relações de tempo, escrita, ações ou até mesmo expressões.

O universo a ser pesquisado é o Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”, que surgiu em maio de 2012, como um projeto de ser um arquivo digital dos fatos políticos da cidade, objetivando manter viva a memória dos cidadãos. À época havia, como nos dias de hoje, uma insatisfação de cidadãos valadarenses, em relação a fatores políticos e sociais da cidade. Em pouco tempo, menos de um ano, o grupo cresceu, se tornou conhecido, ganhou membros, e passou a ser uma referência territorial para a cidade de Governador Valadares e região, e até

mesmo no exterior, para discutir acontecimentos, reivindicar ou criticar ações políticas locais, estaduais ou nacionais, que influenciam no dia a dia de Governador Valadares, como afirmou Cotta (2016) em entrevista a esta pesquisadora. Deste universo serão observados apenas 17 posts, caracterizada como amostra da pesquisa, considerando-se isso o período em questão de 1º a 30/9/2014, os descritores de análise e o número de comentários.

O Grupo de Discussão “Aconteceu em GV” não é uma ferramenta vinculada a partidos políticos, mas os seus moderadores têm posicionamento declarado. Em 2012 o grupo finalizou o ano com 2000 membros, aproximadamente, em 2013 chegou a 12000, atingiu 24 mil membros, em 2016 e hoje, em 2019, tem pouco mais de 13 mil membros.

Em 2013 os administradores/mediadores do Grupo foram processados por dois vereadores, mas o processo foi julgado improcedente, segundo explica, em entrevista jornalística, um dos administradores do grupo Henrique Cotta. Em 2014, um dos participantes do grupo se manifestou sobre a prefeita Elisa Costa e originou outro processo, o que mudou a rotina de postagens a partir da sentença em 1º grau, que exigia análise prévia do que seria publicado, uma sentença que se confirmou nas instâncias superiores. Esse processo já foi julgado, mas ainda tramita um recurso extraordinário no Supremo Tribunal Federal (STF), mas, para cumprir a determinação judicial, os posts passaram a ser uma tarefa reservada apenas aos administradores, deixando liberados apenas os comentários. A decisão diminuiu, com o tempo, o interesse pelo Grupo e a sua popularidade.

Segundo informações do moderador do grupo em entrevista “O participante está apto a publicar, mas não aparece para o grupo, até que a moderação dê o “aceite”, na postagem. Isso inviabilizou e muito o andamento do grupo, pois um grupo totalmente gratuito e sem fins lucrativos, onde as pessoas tinham livre acesso e publicavam situações pessoais, políticas, de lazer, e sociais dos acontecimentos da cidade, foram tolhidas do seu direito de se expressar e manifestar livremente seus pensamentos e acontecimentos cotidianos, pois com a decisão da justiça de obrigar os moderadores a fazer essa censura prévia sob pena de multa, em razão de algumas postagens de terceiros, que sequer foram notificadas aos moderadores em relação a qualquer tipo de ofensa ou irregularidade em relação à autora da ação, acabou fazendo as pessoas pararem de postar como postavam antes”.

Na figura 2, a seguir, vemos a capa do referido grupo.

Figura 2 — Capa da página do Grupo Aconteceu em GV.



Fonte: A Autora.

A política é o tema da vez nas redes sociais, especialmente no Brasil, desde que o Facebook ganhou popularidade entre os brasileiros, pela “liberdade” e pela “oportunidade”, e esse monitoramento dos posts de cinco anos atrás nos dá mais embasamento, considerando a evolução do meio e da forma como as pessoas o utilizam nos dias de hoje.

A análise realizada tem como foco o engajamento e o posicionamento dos membros do Grupo nos 30 últimos dias do primeiro turno da campanha eleitoral para presidente da República (1º a 30 de setembro), no ano de 2014, no Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”, que ganhou notoriedade na cidade de Governador Valadares, a partir das eleições municipais no ano de 2012.

Para participar do Grupo é preciso ter uma conta no Facebook, e ser aceito pelo administrador, já que se trata de um grupo fechado. Os grupos foram criados pelo Facebook, para ser um ambiente de discussão de assuntos específicos e para reunir perfis com os mesmos interesses. Nesse caso o grupo escolhido aborda política, em todas as esferas públicas.

A primeira etapa, que é a pré-análise, foi realizada e todo o material foi selecionado a partir de descritores temáticos que, aliados ao período previamente definido, resultaram em 90 (noventa) posts, identificados por: Eleições 2014/ Dilma/ Aécio Neves/ Marina Silva/ Levy Fidelis/ Luciana Genro/ Pastor Everaldo/Eduardo Jorge/Debate/ Eymael/ Globo/ SBT/ Band/ Record/ Folha de São Paulo/ Veja/ Estadão/ Época/ Istoé/ candidato a presidente/ Eduardo Campos/ eleições / petista/ pt / tucanos/ Lula / Fora Dilma e que foram utilizados como critério

de inclusão.

Os descritores temáticos foram necessários, uma vez que nos grupos de discussão do Facebook os posts não são listados em ordem cronológica, a exemplo dos perfis, mas sim por ordem de interesse e discussão, seguindo a temática do espaço.

Para maior conhecimento do material, foi realizada uma leitura flutuante da amostra de 90 posts, considerando, claro, as hipóteses que nortearam a leitura, já que são elas que estão sendo postas à prova. Com a análise final que será desenvolvida e a partir desse primeiro levantamento, chegamos a um universo de 17 posts que serão analisados, considerando os que tiveram acima de 15 comentários, considerado como critério de exclusão.

Para finalizar a pesquisa foi realizada análise com os seguintes descritores:

1. Engajamento: análise das curtidas
2. Envolvimento: comentários e compartilhamento
3. Foco: comentários
4. Data:
5. Número de participantes: nos posts selecionados
6. Conhecimento do tema: links que referenciam o ponto de vista do membro participante na discussão

A análise dos dados nas pesquisas participantes conta com procedimentos analíticos principalmente de natureza Qualitativa, mas também pode trabalhar com resultados quantitativos, como será esta. A análise vai selecionar, simplificar e organizar os dados para permitir uma análise sistemática das semelhanças e diferenças, como nos explica Gil (2006, p. 178). Foi possível, neste processo de análise, descobrir outros descritores e assim elaborar textos, gráficos, tabelas e ou matrizes que estabeleçam uma nova forma de analisar e assim chegar à conclusão final, que nos permita entender como foi a participação pública neste grupo e como esse território se tornou espaço de discussão, avaliando as possibilidades de territorialização e desterritorialização que as idas e vindas dentro da discussão promoveram.

4 MONITORAMENTO DE MÍDIAS EM E-TERRITÓRIOS: ACONTECEU EM GV

O primeiro ponto a ser destacado na pesquisa está representado na Tabela 1, abaixo, e está diretamente ligado ao número de curtidas e comentários.

Tabela 1 — Posts, curtidas e comentários no Grupo Aconteceu em GV.

Data	TÍTULO	Sítio	Curtidas	Comentários
1	02/set Aécio pode renunciar no 1º turno para apoiar Marina	BR Noticias	13	16
2	02/set O recado de Aécio é claro: a meta é tirar o PT do Poder	Veja	42	50
3	04/set Após pesquisas, Dilma estudo importar eleitores	Sensacionalista	14	32
4	06/set Petrobrás: a lista dos políticos delatados por Paulo Roberto Costa	O Globo	8	15
5	08/set Bomba no coração da campanha de Dilma. Ela vai dizer que não sabia?	Veja	4	32
6	09/set Dilma vai levar atual política econômica até o fim, diz Mantega	Veja	4	15
7	15/set Ex-petista Heloisa Helena diz que Lula é chefe de quadrilha de "Gangsters capazes de matar"	Revolta Brasil	8	16
8	15/set O pacote de mentiras da campanha de Dilma – 15/9/2014	Veja	2	36
9	19/set Dilma: panfletos foram cancelados, mas se houve erro, campanha "vai prestar contas"	Estadão	3	21
10	21/set Para Aécio, falha do IBGE é "mais uma marca do petismo no Brasil"	Folha	11	24
11	23/set Fora Dilma – Faltam apenas duas semanas para as eleições	Conteúdo Próprio	29	33
12	24/set Marina diz que votar em Dilma é votar na corrupção	BR Noticias	26	47
13	26/set Viúva de Eduardo Campos grava para propaganda de Marina Silva	Folha Poder	10	16
14	27/set Dilma promete que, se reeleita, vai tomar "calça 2" crime	Estadão	7	17
15	27/set Dilma x Dilma	Ricardo Amorim	2	23
16	28/set Aécio diz em batizado dos filhos que já ganhou as eleições	Estadão	7	15
17	19/set Questionado por Dilma Rousseff, Aécio Neves diz que em seu governo Petrobrás não será privatizada	Estadão	4	26
			194	434

Fonte: A Autora.

Quando o Facebook criou Grupos de Discussão em 2010, como nos mostra matéria do site R7 de agosto de 2017, a estratégia era crescer, permitindo que dentro da sua comunidade os membros criassem outras comunidades, reunindo pessoas com um mesmo interesse, mesmo que elas nem fizessem ideia de quem eram os demais membros. Era um novo conceito de comunidade no mundo do e-território, onde a proximidade não estava em questão, mas apenas o interesse comum para que discutissem determinados temas sem ter que enfrentar a *timeline*, ou seja, aqueles que não têm interesse por aquele tema.

Uma iniciativa de controle cada vez maior do e-território por parte dos administradores da rede social, utilizando como meio uma territorialidade simbólica, como nos explica Haesbaert (2007, p. 25), uma “[...] territorialidade num sentido mais ontológico: como imaterialidade (ex. controle simbólico, através de uma identidade territorial ou ‘comunidade territorial imaginada’) [...]”, nesse caso, bem mais real do que imaginada, porque se tornou uma prática com ativo crescente nos anos que seguiram, estando no auge de sua utilização em 2014 nas eleições no Brasil, ano do objeto deste estudo.

A Tabela 1, acima, lista os posts selecionados para análise, e aponta a origem do que foi postado, número de curtidas e número de comentários, nos mostra que a estratégia deu certo e o Grupo de Discussão seguiu seu fim, porque as pessoas realmente o utilizam com esta função,

vide a soma das colunas de curtidas e comentários, que coloca os comentários em 2,2 por 1, ou seja mais que o dobro, um engajamento por parte dos membros em cada uma discussões propostas pelo moderador.

Para entender melhor como isso funciona, nos perfis e páginas no Facebook eu posso inclusive comprar likes, patrocinando posts e páginas, ou seja, eu posso ser popular ou fazer um post popular ou ainda uma página, mesmo que eu não conheça ninguém ou diga pouca coisa, e a Rede Social até me diz quantos *likes* terei, quando eu patrocino a postagem ou a página.

Num Grupo de Discussão como o Aconteceu em GV, que está em estudo, isso não é possível. As pessoas pedem para participar do Grupo, e quando são aceitas pelo moderador, já que se trata de um grupo fechado, elas começam a interagir digitalmente, com likes e comentários, mas como o Grupo foi criado para discussão, ele segue o foco, e as pessoas realmente buscam essa função em sua participação ativa.

No recorte identificado para análise os comentários são feitos por 62 perfis diferentes, ou aparentemente diferentes, porque não é possível dizer que se trata da mesma pessoa ou de um *fake*, mas não há nomes repetidos, apenas a mesma pessoa comentando várias vezes.

Desses 62 perfis, 13 deles estão identificados como do gênero feminino e 45 do gênero masculino, o que demonstra um engajamento mais ativo do gênero masculino, e 4 não foram identificados, porque deixaram a rede. Desses 62 perfis, 46 estão identificados como moradores de Governador Valadares e 10 deles moram fora de Governador Valadares, e desses 10, 4 moram fora do Brasil e 6 moram no Brasil, sendo cinco deles valadarenses, o que nos leva a um universo de 51 com algum tipo de vínculo com a cidade, ou seja, 82,258% dos participantes. Além disso, temos 6 perfis em que não foi possível identificar a localidade onde moram.

A territorialização e a desterritorialização ficam muito evidentes no e-território do Grupo Aconteceu em GV. Primeiro é importante esclarecer que entendemos o e-território como um espaço constante de territorialização e desterritorialização, motivado pela mobilidade que a internet permite e pela possibilidade de apropriação do “espaço”, sem a necessidade de estar fisicamente presente, não como descontrolado, mas ao contrário, como forma de controle daquele território, que aqui denominamos de e-território.

Assim, como território é comumente abordado sob diferentes perspectivas, e cada uma dessas concepções acaba adquirindo uma espécie de

“desterritorialização” correspondente (seja numa perspectiva mais econômica, política ou cultural, como vimos no capítulo anterior), também existem definições mais integradoras, como a que defen demos aqui, e que veem o território — ou os processos de territorialização — como fruto da interação entre relações sociais e controle do/pelo espaço, relações de poder em sentido amplo, ao mesmo tempo de forma mais concreta (dominação) e mais simbólica (um tipo de apropriação) (HAESBAERT, 2004, p. 235).

Nesse e-território criado para discussões políticas acerca das eleições presidenciais de 2014, há uma dominação do gênero masculino, uma relação de poder explícita e mais ainda uma multiterritorialidade, uma característica também comum na internet, porque o membro não se sente desterritorializado, muito pelo contrário, mas participando de vários territórios, e aí podemos considerar os físicos e os virtuais, onde ele se sente multiterritorial, por pertencer a todos esses territórios e escolher momentos para participar ativamente de todos eles.

Para os atores dessa pesquisa, que são os participantes do grupo Aconteceu em GV, a desterritorialização não significa um enfraquecimento, como o conceito do território físico, mas no e-território, esse território virtual, isso se torna uma virtude e uma força, pela capacidade de se desterritorializar, e se reterritorializar ou territorializar, na mesma rapidez e proporção sem prejuízo, porque o e-território não exige sua presença física.

A estruturação de uma sociedade em rede não é, obrigatoriamente, sinônimo de desterritorialização, "pois em geral significa novas territorializações, aquelas em que o elemento fundamental na formação de territórios, a ponto de" quase se confundir com eles, é a rede (HAESBAERT, 2004, p. 279).

Poderíamos aqui dizer que o e-território contradiz a Lei de Newton, que diz que "dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo", porque no e-território isso é perfeitamente possível, inclusive em vários espaços, se considerarmos cada grupo dentro da rede social, a própria rede social e as demais redes sociais que podemos administrar ao mesmo tempo, simplesmente abrindo várias abas do navegador. O ator no e-território não pode ser acusado de nomadismo, porque ele não o é – ele apenas é o ator que consegue dominar ao mesmo tempo vários territórios.

[...] É justamente nas temáticas do chamado “nomadismo” e das migrações (item 6.1), da imobilidade humana (item 6.2) e do ciberespaço (item 6.3) que se desenha um dos mais importantes debates sobre a desterritorialização, especialmente aquele que coloca em xeque a ideia preconcebida de que mobilidade é sinônimo de desterritorialização [...] (HAESBAERT, 2004, p. 236).

Outro fator importante é que, mesmo analisando os dados seis anos depois do momento em si, apenas 4 perfis participantes saíram da rede, e um dos membros morreu. Isso demonstra

o interesse e engajamento dos membros do Grupo, que permanece ativo até os dias de hoje, discutindo a pauta dos problemas políticos relacionados ou não à cidade.

Dos posts selecionados por ficarem dentro da linha de estudo proposta para esta pesquisa, a maior parte deles teve como referência os grandes meios de comunicação, como mostra a Tabela 2, abaixo.

Tabela 2 — Origem dos posts.

Origem dos Posts	Nº de Posts
BR.Noticias.Yahoo.com	2
Veja. Abril.com.br	4
Sensacionalista.com.br	1
oglobo.globo.com	1
revoltabrasil.com.br	1
estadao.com.br	4
Folha.uol.com.br	1
Post proprio	1
Ricardo Amorim	1
Folhapoder.com.br	1
Total	17

Fonte: A Autora.

Isso reforça a ideia de que os grandes veículos pautam a comunicação e estabelecem relações de poder, porque empoderam atores com as informações que publicam. É a conhecida Agenda Setting. Thompson (2014, p 167), vai ainda além, porque afirma que “os indivíduos nestas sociedades não se preocupam com assuntos que não lhes afetam diretamente a vida...”.

A discussão mais importante que jornalistas fazem em todo o mundo é quanto à capacidade que os meios de comunicação têm de dizer aos espectadores/leitores como pensar, mas a discussão estaciona quando todos concordam que os meios de comunicação podem sim e o fazem, quando nos indicam o que pensar. Exatamente como fazem no Grupo de Discussão Aconteceu em GV, pautando os posts do moderador. Assim, ditam o que é popular ou não, o que vale ou não ser discutido, ainda que um ou outro membro questione a origem dos posts, nada que comprometa a continuidade do modelo. O baixo número de saídas do grupo, apenas 4 como citado acima, entre os que comentam, mostra que mesmo diante disso não há uma grande insatisfação.

A origem dos posts leva a outros números importantes quanto ao tema e à linha de cada um deles, mostrados parcialmente na tabela 3, abaixo:

Tabela 3 — Posts dedicados aos candidatos à presidência mais votados em 2014.

Posts dedicados os candidatos mais votados

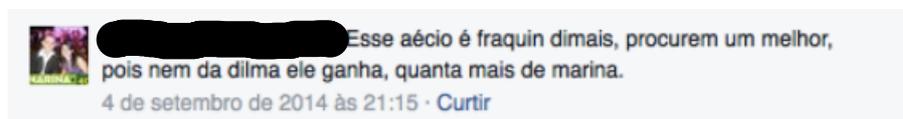
a) Aécio Neves	5
b) Dilma Rousseff	8
c) Marina Silva	2
d) Outros	2

Fonte: A Autora.

Ao escolher a origem do post, o moderador conduz a discussão que fica polarizada entre os dois candidatos, que estão no topo das pesquisas, e adota uma estratégia curiosa. Ao postar um maior número de temas voltados à candidata Dilma Rousseff, o moderador indica caminhos de repúdio à candidata e ao Partido dos Trabalhadores, pois escolhe sempre temas que desqualificam a candidata Dilma, como mostra o Quadro 1, e, mesmo quando os post são referentes à candidata Marina Silva, o moderador segue a mesma linha de raciocínio, e opta por posts em que o discurso desqualifica a candidata.

Essa estratégia demonstra claramente as relações de poder que se estabelecem no Grupo de Discussão Aconteceu em GV, pois os membros pautam suas discussões na defesa de seus interesses, ou seja, daquilo que acreditam como melhor opção para governar o país e consequentemente de voto nas eleições, o que fica evidente nos comentários (que podem ser conferidos completamente nos anexos) e alguns listados abaixo, nas figuras 3 a 6.

Figura 3 — Comentário no post do dia 2 de setembro de 2014.



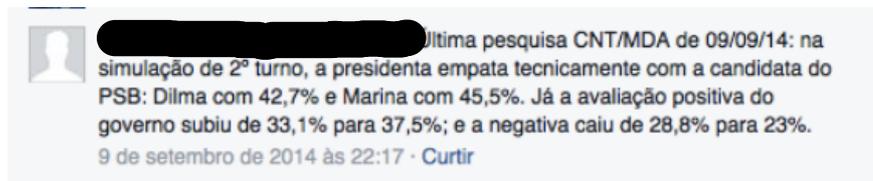
Fonte: A Autora.

Figura 4 — Comentário em post do dia 2 de setembro de 2014.



Fonte: A Autora.

Figura 5 — Comentário em post do dia 9 de setembro de 2014.



Fonte: A Autora.

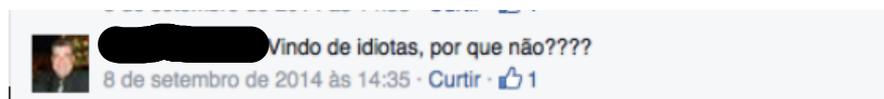
Figura 6 — Comentário em post do dia 15 de setembro de 2014.



Fonte: A Autora.

Essa relação de poder no e-território, se faz também pelo discurso de ódio, presente no Grupo de Discussão Aconteceu em GV. Assim, podemos afirmar que, como nos diz Recuero (2009, p. 135), “o início da aldeia global é também o início da desterritorialização dos laços sociais”, pois a rede não cria vínculos, “[...] mas quaisquer laços baseados na interação social, na identificação e no interesse comum [...]” (RECUERO, 2009, p. 143). Não há aqui uma preocupação com valores, próximos e outros, como na relação do território presencial, o território virtual, ou e-território, que não exige presença física, relação face-a-face, permite novas relações de poder, pautadas nas palavras e no poder que elas têm. Observa-se isso também nas figuras 7 a 10, abaixo.

Figura 7 — Comentário em post do dia 8 de setembro de 2014.



Fonte: A Autora.

Figura 8 — Comentário em post do dia 9 de setembro de 2014.



Fonte: A Autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos posts finais selecionados do Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”, meu objeto de estudo, para entender o posicionamento e o engajamento no primeiro turno das eleições presidenciais no Grupo de Discussão “Aconteceu em GV”, tema proposto para a minha pesquisa, fazendo essa relação direta o tempo todo entre a comunicação e o território, desbravando um novo território que aqui chamamos de e-território, se mostrou prazerosa, mas ao mesmo tempo estressante e frustrante, porque, diferentemente de todas as demais pesquisas que pude analisar, são hoje um software disponível para análise dos grupos, o que deve mudar num futuro próximo, a considerar as propagandas e o valor ainda maior que o Facebook vem dando a essa ferramenta disponível na sua rede social.

O trabalho de pesquisa nos mostrou que o posicionamento preponderante do Grupo de Discussão “Aconteceu em GV” é de política de direita, o que fica claro na atuação dos moderados em todo o período do processo político analisado.

Quanto ao engajamento dos membros, embora seja um Grupo, fica claro a todo momento que é um engajamento individual. Os membros do grupo se engajam ou não nas postagens de acordo com os interesses pessoais, que pelos comentários estão muito ligados ao território material onde cada um atua. Sendo assim, os atores mostram como e em que estão engajados de acordo com o interesse pessoal por cada postagem.

O trabalho manual é desgastante e exige a conferência a todo momento, indo e voltando, para ter certeza dos resultados a serem apresentados, o que no final não permitiu uma análise mais profunda, pela dificuldade em fazer algumas ligações e mesmo de entender alguns nós que são traçados e formados nessas relações.

Quero num outro momento, talvez no doutorado, ter a oportunidade de aprofundar essas análises, uma vez que seria interessante poder descobrir como foi tecida essa rede de relações desde o começo, sabendo assim como o indivíduo chegou ao grupo, a partir das relações que do grupo ele mantém em seu perfil pessoal, mas isso, como já disse, é uma análise para um próximo trabalho, se já tivermos disponíveis softwares focados nos grupos de discussões.

Em tempo: fico aqui com o que de melhor essa pesquisa me trouxe em poucos números. O Grupo de Discussão, disponibilizado pelo Facebook como ferramenta para reunir usuários da rede que se interessam por um determinado assunto no mesmo território, cumpre a sua

função em fomentar a discussão, pelo número de comentários que em muito supera o número de curtidas. Talvez por isso o Facebook esteja hoje investindo em publicidade em canais da TV fechada, como forma de fomentar a utilização ainda maior dessa ferramenta.

REFERÊNCIAS

- BATAGLIA, R. Gráfico mostra a evolução das redes sociais desde 2004. **SuperInteressante**, São Paulo, 28 fev. 2019. Tecnologia.. Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/grafico-mostra-a-evolucao-de-popularidade-das-redes-sociais-desde-2004/>. Acesso em: 10 out. 2019.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- COTTA, H. **Depoimento acerca do grupo de discussão “Aconteceu em GV”**. Entrevistador: Valéria Alves Gomes. Governador Valadares, 2016. Entrevista concedida à jornalista e pesquisadora Valéria Alves Gomes.
- DI MEO, G. Composantes spatiales, formes et processus géographiques desidentités. **Annales de Géographie**, 2004, v. 113, n. 638-639, p. 339-362.
- DIAS, L. C. Redes: emergência e organização. In. CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- ELIAS, N; SCOTSON, J. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- Facebook põe grupos no centro da rede como estratégia para crescer**. Disponível em <https://noticias.r7.com/economia/facebook-poe-grupos-no-centro-da-rede-como-estrategia-para-crescer-06082017> Acesso em 11/11/2019.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.
- HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In. SANTOS, M., et. al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução: Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.
- Jovens brasileiros têm em média perfis em 7 redes sociais, diz estudo. **G1**, Rio de Janeiro, RJ, 18 jul. 2014. Tecnologia e Games. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/07/jovens-brasileiros-tem-em-media-perfis-em-7-redes-sociais-diz-estudo.html>. Acesso em: 21 mar. 2016
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa – São Paulo: Ed. 34, 1999.
- Marketing Político 2.0. **Exame**, São Paulo, 13 nov. 2012. Rede de Blogs. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/pessoas-do-seculo-21/2012/11/13/marketing-politico->

2-0/. Acesso em: 21 mar. 2016.

MASSEY, D. **Construindo e disputando tempo-espaço**. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Tradução: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MCCOMBS, M. E; SHAW, D; WEAVER, D. **Comunicação e Democracia**: explorando as fronteiras intelectuais na Agenda Setting Theory. Mahwah: NJ, 1997).

MCLUHAN, M; FIORE, Q.: **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RANGEL, M. C.; TONELA, C. E-Território reflexões preliminares sobre redes sociais virtuais e mudanças territoriais. **Revista Geoinfá**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 95-109, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/49250>. Acesso em: 10 mai. 2019.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Coleção Cibercultura.

RECUERO, R. **O que é mídia social?** 2008. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/arquivos/o_que_e_midia_social.html. Acesso em: 30 de abr. 2020.

RODRIGUES, A. D. **Cultura e Comunicação**: A experiência cultural na era da informação. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Pesquisa Brasileira de Mídia de 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2016.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. **Enciclopédia INTERCOM de Comunicação**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012.

SOUZA NETO, A. S. C. Redes e Territórios. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. 28, p. 19-34, mai./ago. 2013. Disponível em: www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/738/483. Acesso em: 19 mar. 2019.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In. CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

THOMPSON, J. B. A interação mediada na era digital. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 17-44, set./dez 2018. Versão do artigo publicado em Theory, Culture & Society, Thousand Oaks, nov. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/0263276418808592>. Tradução:

Richard Romancini. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/matrices/article/download/153199/149813/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

